

• ORGANIZADO POR TIM CHESTER •



A IGREJA

UMA COMUNIDADE
SINGULAR DE PESSOAS

JOHN STOTT





A IGREJA

JOHN STOTT

• ORGANIZADO POR **TIM CHESTER** •



A IGREJA

UMA COMUNIDADE **SINGULAR DE PESSOAS**

TRADUZIDO POR **MEIRE PORTES SANTOS**



Sumário

Capa

Folha de rosto

Prefácio

Uma nota ao leitor

Introdução da série “O Cristão Contemporâneo”

Introdução

1. Desafios seculares à igreja

2. Evangelismo por meio da igreja local

3. Dimensões da renovação da igreja

4. Os pastores da igreja

Conclusão

Notas

Crieditos

PREFÁCIO

SER “CONTEMPORÂNEO” é viver no presente e mover-se com os tempos sem se preocupar demais com o passado ou o futuro.

Ser um “cristão contemporâneo”, porém, é viver num presente que é enriquecido pelo nosso conhecimento do passado e pela nossa expectativa do futuro. Nossa fé cristã exige isso. Por quê? Porque o Deus em quem confiamos e que adoramos é “o Alfa e o Ômega... o que é, o que era e que há de vir, o Todo-poderoso”,¹ enquanto o Jesus Cristo que seguimos é “o mesmo, ontem, hoje e para sempre”.²

Assim, este livro e esta série falam de como os cristãos lidam com o tempo – como podemos unir o passado, o presente e o futuro em nosso pensar e viver. Temos diante de nós dois desafios principais. O primeiro é a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente), e o segundo é a tensão entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro).

A introdução aborda o primeiro problema. É possível honrarmos verdadeiramente o passado e, ao mesmo tempo, vivermos no presente? Podemos preservar intacta a identidade histórica do cristianismo sem nos isolar daqueles que estão ao nosso redor? Podemos comunicar o evangelho de maneiras vibrantes e modernas, mas sem distorcê-lo ou até mesmo destruí-lo? Podemos ser autênticos e puros ao mesmo tempo, ou temos de escolher?

A conclusão aborda o segundo problema: a tensão entre o “agora” e o “ainda não”. Até onde podemos explorar e experimentar tudo o que Deus tem dito e feito por meio de Cristo sem nos desviar para o que ainda não foi revelado ou dado? Como podemos desenvolver um senso adequado de

humildade sobre um futuro que ainda vai se revelar sem nos tornarmos acomodados sobre onde estamos no presente?

Em meio a essas questões sobre as influências do passado e do futuro surge uma investigação sobre as nossas responsabilidades cristãs no presente.

Esta série trata de questões de doutrina e discipulado sob os cinco títulos: “O Evangelho”, “O Discípulo”, “A Bíblia”, “A Igreja” (o livro que você tem em mãos) e “O Mundo”, embora eu não faça tentativa alguma de ser sistemático nem, muito menos, exaustivo.

Além da questão do tempo e das relações entre passado, presente e futuro, há um segundo tema que percorre esta série: a necessidade de falarmos menos e escutarmos mais.

Creio que somos chamados à difícil e até dolorosa tarefa da “dupla escuta”. Devemos escutar com atenção (embora, naturalmente, com diferentes graus de respeito) tanto a Palavra antiga como o mundo moderno, a fim de relacionar um ao outro com uma combinação de fidelidade e sensibilidade.

Cada livro desta série é uma tentativa de dupla escuta. É minha firme convicção que, se conseguirmos desenvolver a nossa capacidade de dupla escuta, evitaremos as armadilhas antagônicas da infidelidade e da irrelevância, e seremos verdadeiramente capazes de falar a Palavra de Deus ao mundo de Deus hoje de maneira eficaz.

ADAPTADO DO PREFÁCIO ORIGINAL ESCRITO POR JOHN STOTT EM 1991.

UMA NOTA AO LEITOR

O LIVRO ORIGINAL intitulado *O Cristão Contemporâneo*, no qual este volume e esta série estão baseados, pode não parecer “contemporâneo” para os leitores de hoje, mais de um quarto de século depois. Mas tanto a editora quanto os Executores Literários de John Stott estão convencidos de que as questões abordadas por John Stott neste livro são tão relevantes hoje como eram quando foram abordadas pela primeira vez.

A questão era como tornar esta obra seminal acessível para as novas gerações de leitores. Assim, procuramos fazer isso da seguinte maneira:

- A obra original foi dividida em uma série de volumes menores, levando em conta as cinco principais seções do original.
- Palavras que podem não comunicar ao leitor do século 21 foram atualizadas, ao mesmo tempo em que foi tomado grande cuidado para manter o processo de pensamento e o estilo do autor no original.
- Cada capítulo agora é seguido por perguntas feitas por um autor cristão atual e best-seller, a fim de ajudar a reflexão e a resposta.

Os amantes da obra original expressaram alegria pelo fato de este livro estar sendo disponibilizado de uma forma que amplia o seu alcance e influência em um novo século. Oramos para que você tenha a sua vida enriquecida por esta leitura, pois a vida de muitas pessoas já foi grandemente enriquecida pela edição original.

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO O ANTES E O AGORA

A EXPRESSÃO “o cristão contemporâneo” atinge muitos como uma contradição em termos. Para muitos, o cristianismo não passa de uma relíquia antiga do passado remoto, irrelevante para as pessoas do mundo de hoje.

O meu propósito nesta série é mostrar que existe algo como “cristianismo contemporâneo” – não algo ultramoderno, mas um cristianismo original, histórico, ortodoxo e bíblico, sensivelmente relacionado com o mundo moderno.

CRISTIANISMO: TANTO HISTÓRICO COMO CONTEMPORÂNEO

Começamos reafirmando que o cristianismo é uma religião histórica. É claro que cada religião surgiu em um contexto histórico particular. O cristianismo, no entanto, faz uma reivindicação especialmente forte de ser histórico, porque repousa não só sobre uma *pessoa* histórica, Jesus de Nazaré, mas em certos *acontecimentos* históricos que o envolveram, especialmente o seu nascimento, morte e ressurreição. Há uma linha comum aqui com o judaísmo, a partir do qual o cristianismo surgiu. O Antigo

Testamento apresenta Deus não só como “o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”, mas também como o Deus da aliança que ele fez com Abraão e, depois, renovou com Isaque e Jacó. Mais uma vez, ele não é apenas “o Deus de Moisés”, mas também é visto como o Redentor responsável pelo êxodo, que renovou a aliança mais uma vez no monte Sinai.

Os cristãos estão para sempre amarrados pelo coração e pela mente a estes acontecimentos históricos decisivos do passado. A Bíblia constantemente nos encoraja a olhar para eles com gratidão. De fato, Deus deliberadamente providenciou tudo para que o seu povo recordasse as suas ações salvadoras com regularidade. De modo emblemático, a Ceia do Senhor ou Eucaristia nos permite ter em mente a morte expiatória de Cristo, de modo regular, trazendo o passado para o presente.

Mas o problema é que os acontecimentos fundamentais do cristianismo ocorreram há muito tempo. Há alguns anos tive uma conversa com dois irmãos – estudantes que me disseram ter se afastado da fé professada pelos seus pais. Um deles agora era agnóstico, e o outro era ateu. Eu perguntei por quê. Será que eles não acreditavam mais na verdade do cristianismo? Não, o dilema deles não era se o cristianismo era *verdadeiro*, mas se era *relevante*. E como poderia ser? O cristianismo – eles continuaram – era uma religião primitiva da Palestina de muito tempo atrás. Então, o que tinha para oferecer a eles, que viviam no agitado mundo moderno?

Esta visão do cristianismo é generalizada. O mundo mudou dramaticamente desde os dias de Jesus e continua a mudar com uma velocidade cada vez mais desconcertante. As pessoas rejeitam o evangelho não necessariamente porque pensam que ele seja falso, mas porque já não diz nada para elas.

Em resposta a isso, precisamos ser claros sobre a convicção cristã básica de que Deus continua a falar por meio do que ele falou. A sua Palavra não é

um fóssil pré-histórico, mas uma mensagem viva para o mundo contemporâneo. Mesmo admitindo as particularidades históricas da Bíblia e as imensas complexidades do mundo moderno, ainda existe uma correspondência fundamental entre elas. A Palavra de Deus permanece uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para o nosso caminho.¹

No entanto, nosso dilema permanece. Será que o cristianismo consegue, ao mesmo tempo, manter a sua identidade autêntica e demonstrar a sua relevância?

O desejo de apresentar Jesus de uma maneira que apele para a nossa própria geração é obviamente certo. Esta foi a preocupação do pastor alemão Dietrich Bonhoeffer enquanto estava na prisão durante a Segunda Guerra Mundial: “O que mais me preocupa”, escreveu ele, “é a questão: [...] ‘quem Cristo realmente é, hoje, para cada um de nós?’”.² É uma questão difícil. Ao responder a ela, a Igreja em todas as gerações tinha tendência a desenvolver imagens de Cristo que se desviam do retrato pintado pelos autores do Novo Testamento.

TENTATIVA DE MODERNIZAR JESUS

Aqui estão algumas das muitas tentativas da Igreja de apresentar um retrato contemporâneo de Cristo, algumas das quais têm sido mais bem-sucedidas do que outras quanto a permanecer fiel ao original.

Penso em primeiro lugar em *Jesus, o asceta*, que inspirou gerações de monges e eremitas. Ele era muito parecido com João Batista, pois também vestia roupas feitas de pelo de camelo, usava sandálias ou até andava descalço e comia gafanhotos com prazer evidente. Mas seria difícil conciliar

este retrato com a crítica dos seus contemporâneos de que ele era um festeiro que vivia “comendo e bebendo”.³

Também havia *Jesus, o pálido galileu*. O imperador apóstata Juliano tentou restabelecer os deuses pagãos de Roma depois que Constantino os substituiu pela adoração a Cristo, e relata-se que ele teria dito o seguinte em seu leito de morte, em 363 depois de Cristo: “Venceste, ó galileu”. Suas palavras foram popularizadas por um poeta do século 19, Swinburne:

Venceste, ó pálido galileu;

O mundo tornou-se cinzento do ar que respiras.

Esta imagem de Jesus foi perpetuada na arte medieval e vitrais, com um halo celeste e uma pele sem cor, olhos levantados para o céu e pés que não tocavam o chão.

Em contraste com as apresentações de Jesus como fraco, sofredor e derrotado, havia *Jesus, o Cristo cósmico*, muito amado pelos líderes da igreja bizantina. Eles o descreveram como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Criador e governante do universo. No entanto, exaltado acima de todas as coisas, glorificado e reinando, ele parecia distante do mundo real e até mesmo da sua própria humanidade, como foi revelado na encarnação e na cruz.

No extremo oposto do espectro teológico, os deístas do Iluminismo dos séculos 17 e 18, à própria imagem deles, construíram *Jesus, o mestre do senso comum*,⁴ inteiramente humano e nada divino. O exemplo mais dramático é a obra de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos de 1801 a 1809. Rejeitando o sobrenatural como algo incompatível com a razão, ele produziu a sua própria edição dos Evangelhos, em que todos os milagres e mistérios

foram sistematicamente eliminados. O que resta ali é um guia para um professor de moral meramente humana.

No século 20, fomos apresentados a uma ampla gama de opções. Duas das mais conhecidas devem sua popularidade a musicais. Há *Jesus, o palhaço de Godspell*, que passa o tempo cantando e dançando, e assim capta algo da alegria de Jesus, mas dificilmente leva a sério a sua missão. Um pouco semelhante é *Jesus Cristo Superstar*, a celebridade desiludida, que uma vez pensou que sabia quem era, mas no Getsêmani já não tinha tanta certeza.

O falecido presidente de Cuba Fidel Castro referiu-se frequentemente a Jesus como “um grande revolucionário”, e houve muitas tentativas de retratá-lo como *Jesus, o lutador da liberdade*, o guerrilheiro urbano, o Che Guevara do primeiro século, com barba negra e olhos brilhantes, cujo gesto mais característico foi derrubar as mesas dos cambistas e expulsá-los do templo com um chicote.

Esses diferentes retratos ilustram a tendência recorrente de atualizar Cristo de acordo com as modas atuais. Isso começou na era apostólica, com a necessidade de Paulo advertir sobre os falsos mestres que pregavam “um Jesus que não é aquele que [nós, os apóstolos] pregamos”.⁵ Cada geração que chega tende a ler para si as suas próprias ideias e esperanças, criando um Jesus à sua própria imagem.

A motivação deles até é certa (pintar um retrato contemporâneo de Jesus), mas o resultado é sempre distorcido (como o retrato não é autêntico). O desafio diante de nós é apresentar Jesus à nossa geração de maneiras ao mesmo tempo precisas e atraentes.

CHAMADO À DUPLA ESCUTA

A principal razão de cada traição ao Jesus autêntico é que prestamos muita atenção às tendências contemporâneas e muito pouca atenção à Palavra de Deus. A sede de relevância torna-se tão exigente que sentimos a necessidade de ceder a ela, custe o que custar. Tornamo-nos escravos da última moda, preparados para sacrificar a verdade no altar da modernidade. A busca da relevância degenera para um desejo de popularidade. No extremo oposto da irrelevância está a acomodação, uma rendição covarde e sem princípios ao *espírito do tempo*.

O povo de Deus vive em um mundo que pode ser ativamente hostil. Estamos constantemente expostos à pressão para nos conformarmos a este mundo.

Graças a Deus, no entanto, que sempre houve aqueles que ficaram firmes, às vezes sozinhos, e se recusaram a ceder. Penso em Jeremias, no sexto século antes de Cristo, Paulo, em sua época (“todos... me abandonaram”),⁶ Atanásio, no século quarto, e Lutero, no século 16.

Em nossos dias, também precisamos decidir apresentar o evangelho bíblico de tal forma a lidar com os dilemas modernos, medos e frustrações, mas com a igual determinação de não comprometê-lo ao fazermos isso. Algumas *pedras de tropeço* são intrínsecas ao evangelho original e não podem ser eliminadas ou empurradas suavemente para torná-lo mais fácil de aceitar. O evangelho contém algumas características tão estranhas ao pensamento moderno que sempre poderá parecer tolo, por mais que nos esforcemos para mostrar que ele é “verdadeiro e de bom senso”.⁷ A cruz será sempre um ataque à autojustiça humana e um desafio à autoindulgência humana. O seu “escândalo” (pedra de tropeço) simplesmente não pode ser removido. A Igreja fala mais autenticamente não quando se torna indistinta do mundo ao nosso redor, mas justamente quando a sua luz distintiva brilha mais.

Por mais que estejamos desejosos de comunicar a Palavra de Deus aos outros, devemos ser fiéis a essa Palavra e, se necessário, estar preparados para sofrer por ela. A palavra de Deus a Ezequiel nos encoraja: “Não tenha medo dessa gente [...] Você lhes falará as minhas palavras, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são rebeldes”.⁸ Somos chamados para ser fiéis e relevantes, não meramente modernos.

Como, então, podemos desenvolver uma mente cristã que seja moldada pelas verdades do cristianismo histórico e bíblico e, ao mesmo tempo, totalmente imersa nas realidades do mundo contemporâneo? Temos de começar com uma dupla recusa. Nós nos recusamos a ficar tão absorvidos na Palavra, que *fugimos* para ela, que falhamos em deixar que ela confronte o mundo; e nos recusamos a ficar tão absorvidos no mundo, que nos *conformamos* a ele e deixamos de submetê-lo ao julgamento da Palavra.

Em lugar desta dupla recusa, somos chamados à dupla escuta. Precisamos escutar a Palavra de Deus com expectativa e humildade, prontos para Deus talvez nos confrontar com uma palavra que pode ser perturbadora e inesperada. E devemos também escutar o mundo ao nosso redor. As vozes que ouvimos podem assumir a forma de protesto agudo e estridente. Haverá também os gritos angustiados daqueles que estão sofrendo, e a dor, a dúvida, a raiva, a alienação e até mesmo o desespero daqueles que estão em desacordo com Deus. Escutamos a Palavra com humilde reverência, ansiosos para compreendê-la, e resolvemos crer e obedecer ao que passamos a entender. Escutamos o mundo com atenção crítica, ansiosos para compreendê-lo, e resolvemos não necessariamente acreditar e obedecer-lhe, mas simpatizar com ele e procurar graça para descobrir como o evangelho se relaciona com ele.

Todos acham difícil escutar. Mas será que os cristãos, às vezes, têm mais dificuldade para escutar do que os outros? Podemos aprender com os

chamados “consoladores” do livro de Jó, no Antigo Testamento. Eles começaram bem. Quando ouviram falar dos problemas de Jó, foram visitá-lo e, vendo quão grandes eram os seus sofrimentos, nada lhe disseram durante uma semana inteira. Se ao menos tivessem continuado como começaram e mantido a boca fechada! Em vez disso, eles propuseram a sua visão convencional – a visão de que o pecador sofre por causa dos seus próprios pecados – da maneira mais insensível. Eles realmente não escutaram o que Jó tinha a dizer. Eles se limitaram a repetir o seu próprio discurso impensado e sem coração, até que, no final, Deus entrou em cena e os repreendeu por terem deturpado a situação.

Precisamos cultivar essa “dupla escuta”, a capacidade de escutar duas vozes ao mesmo tempo – a voz de Deus por meio da Bíblia e as vozes de homens e mulheres ao nosso redor. Essas vozes muitas vezes se contradizem, mas o nosso propósito ao escutá-las é descobrir como elas se relacionam umas com as outras. A dupla escuta é algo indispensável para o discipulado cristão e para a missão cristã.

Somente por meio desta disciplina de dupla escuta é possível tornar-se um “cristão contemporâneo”. Nós juntamos o “histórico” e o “contemporâneo” enquanto aprendemos a aplicar a Palavra ao mundo, proclamando a boa-nova que é tanto verdadeira como nova.

Para resumir, vivemos no “agora” à luz do que já aconteceu “antes”.

INTRODUÇÃO

A IGREJA

JOHN WESLEY estava certo quando descreveu o cristianismo como uma religião “social”, e acrescentou que transformá-lo em uma religião “solitária” seria destruí-lo. Isso não é negar que ele oferece salvação individual e convoca as pessoas a um discipulado individual. É antes afirmar que a Igreja se posiciona no centro do propósito de Deus. Cristo se deu por nós, é-nos dito, não apenas “para remir-nos de toda iniquidade”, mas também “para purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras”.¹

O problema que temos quando pensamos sobre a Igreja é a tensão entre o ideal e a realidade. O ideal é lindo. A Igreja é o povo escolhido e amado de Deus, seu próprio tesouro especial, a comunidade da aliança com a qual ele se comprometeu para sempre. Ela está ativa em culto contínuo a Deus e no alcance apaixonado ao mundo, um refúgio de amor e paz, e um povo peregrino que caminha rumo à cidade eterna. No entanto, na realidade, nós que reivindicamos ser a Igreja na maioria das vezes somos uma multidão heterogênea de indivíduos desajeitados, parcialmente educados e parcialmente salvos, sem inspiração em nossa adoração, constantemente brigando uns com os outros. Estamos mais preocupados com nossa preservação do que com nossa missão, lutando e tropeçando ao longo do caminho, necessitando de constante repreensão e exortação, as quais estão disponíveis prontamente tanto nos profetas do Antigo Testamento quanto nos apóstolos do Novo Testamento.

Essa distinção entre o ideal e a realidade significa que as opiniões das pessoas a respeito da Igreja variam muito. Por um lado, P. T. Forsyth pôde escrever que “a Igreja de Cristo é o maior e mais fino produto da história humana [...] a maior coisa no universo”.² Por outro lado, Thomas Arnold escreveu: “A Igreja, como está agora, nenhum poder humano pode salvar [...] Quando penso sobre a Igreja, eu poderia me sentar e desejar morrer”.³

Meu propósito neste livro é focalizar no ideal, no que Deus quer que sua Igreja seja, ao mesmo tempo, mantendo em vista a realidade, para que possamos compreender as mudanças que precisam ser feitas. Os dois primeiros capítulos são complementares, uma vez que consideramos no capítulo 1 o desafio do mundo à Igreja e, no capítulo 2, a missão da Igreja no mundo. No capítulo 3 a renovação que a Igreja precisa incluirá, como Jesus orou, não somente uma área (p. ex. sua unidade ou sua espiritualidade), mas todas as áreas da sua vida. E, com essa finalidade, aqueles de nós que fomos ordenados ao ministério pastoral da Igreja precisamos ser renovados de acordo com o propósito de Deus, que é o assunto do capítulo 4.

CAPÍTULO 1

DESAFIOS SECULARES À IGREJA

UMA DAS MAIORES NECESSIDADES da Igreja é uma consciência sensível do mundo ao nosso redor. Se formos verdadeiros servos de Jesus Cristo, manteremos nossos olhos abertos (como ele o fez) à necessidade humana, e nossos ouvidos alertas aos prantos angustiados. Nós reagiremos com compaixão e de modo construtivo (novamente, como ele o fez) à dor das pessoas.

Isso não significa que nós “deixamos o mundo estabelecer a agenda para a Igreja” em todos os aspectos, como as pessoas costumavam dizer, ou que seguimos o calcanhar do mundo como um cachorrinho. Ter um comportamento assim seria confundir serviço (que é nosso chamado) com servidão (que não é), e interpretar sensibilidade (que é uma virtude) como conformidade (que é um vício). Não, primeiramente e mais importante, temos que declarar e fazer o que Deus nos enviou para declarar e fazer. Nós não devemos prestar homenagens festivas ao mundo.

Ao mesmo tempo, a menos que ouçamos atenciosamente às vozes da sociedade secular, lutemos para compreendê-las e nos sensibilizemos com as frustrações, ira, perplexidades e desespero das pessoas, faltará em nós autenticidade como discípulos de Jesus de Nazaré. Nós correremos o risco de responder a perguntas que ninguém está fazendo, coçar onde ninguém sente coceira, suprir mercadorias para as quais não há demanda – em outras palavras, de ser totalmente irrelevantes, como começamos a ver na Introdução.

Este capítulo explora a busca tríplice do povo moderno, secular, que, na verdade, reflete as aspirações humanas universais. São esperanças que o próprio Cristo Jesus desperta nas pessoas, as quais somente ele pode satisfazer e que desafiam a Igreja a apresentá-lo ao mundo em sua totalidade.

A BUSCA POR TRANSCENDÊNCIA

Até bem recentemente, muitos consideravam que o secularismo expulsaria gradualmente quaisquer sensibilidades religiosas da sociedade. O termo “transcendência” era visto como uma palavra obscura cujo uso se limitava a instituições de aprendizado teológico. Ali os alunos eram apresentados à distinção entre “transcendência” (significando Deus acima e fora do mundo criado) e “imanência” (significando Deus presente e ativo dentro dele). Mas cada vez mais as pessoas estão reconhecendo que até nas culturas modernas a procura por transcendência continua. Essa procura é um tipo de protesto contra a secularização, isto é, contra a tentativa de eliminar Deus do nosso próprio mundo. Os seres humanos não “vivem só de pão”, pois o materialismo não pode satisfazer o espírito humano. Vejamos alguns exemplos da recente desilusão com o secularismo e da persistente busca por transcendência.

Em primeiro lugar, houve o *colapso do marxismo europeu* no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. O marxismo foi apresentado originalmente como um substituto para a fé religiosa obsoleta. Mas os convertidos eram poucos e esparsos. Como o cônego Trevor Beeson escreveu sobre a Europa Oriental, “as doutrinas básicas do comunismo não convenceram as mentes nem satisfizeram as emoções da intelectualidade ou

do proletariado. Por outro lado, a vida religiosa manifestou superação marcante e, longe de desaparecer, tem encontrado, em muitos aspectos, nova vitalidade e poder”.¹ O escritor russo Aleksandr Solzhenitsyn chamou atenção para algo que os líderes da antiga União Soviética não haviam esperado:

Que em uma terra onde igrejas foram demolidas, onde um ateísmo triunfante tem se espalhado descontroladamente por dois terços de um século, onde o clero é totalmente humilhado e privado de qualquer independência, onde o que sobra da Igreja como instituição é tolerado somente pelo amor à propaganda direcionada ao Ocidente, onde até hoje as pessoas são enviadas para os campos de trabalho devido à sua fé, e onde, dentro dos próprios campos, aqueles que se reúnem para orar na Páscoa são colocados em celas de punição – eles [ou seja, os líderes soviéticos] não poderiam supor que sob essa pressão comunista a tradição cristã poderia sobreviver na Rússia! Mas muitos milhões de cristãos permanecem lá; são apenas as pressões externas que os impedem de se expressarem.²

A segunda esfera em que se nota a desilusão das pessoas com o secularismo é *o deserto do materialismo ocidental*. O secularismo não é mais satisfatório ao espírito humano em seu disfarce capitalista do que em seu disfarce comunista. Theodore Roszak é um expoente americano eloquente desse referido vazio. O subtítulo significativo do seu livro *Where the Wasteland Ends* [Onde acaba a terra devastada] é *Politics and Transcendence in a Post-Industrial Society* [Política e transcendência numa sociedade pós-industrial].³ Ele lamenta o que chama de “coca-colonização do mundo”.⁴ Nós estamos sofrendo, escreve ele, de “uma claustrofobia dentro da

cosmovisão científica”, na qual o espírito humano não pode respirar.⁵ Ele ataca a ciência (creio que ele quer dizer a pseudociência) por sua pretensão arrogante de ser capaz de explicar tudo, seu “espírito desmistificador”,⁶ sua “anulação dos mistérios”. “Pois o que a ciência pode medir é apenas uma porção do que o homem pode conhecer.”⁷ Esse mundo materialista de ciência objetiva, continua ele, não é nem “espaçoso bastante” para nós.⁸ Sem transcendência “a pessoa murcha”.⁹ A prescrição dele (a recuperação da “imaginação visionária” de Blake) é terrivelmente inadequada, mas seu diagnóstico vai direto ao ponto. Os seres humanos sabem instintivamente que a Realidade não pode ser confinada em um tubo de ensaio, ou reduzida a dados em torre de servidores, ou compreendida por meio de frio desinteresse científico. Pois a vida tem outra dimensão, transcendente, e a Realidade é “maravilhosamente vasta”.¹⁰

Em terceiro lugar, a busca por transcendência é vista na *epidemia da toxicodependência*. É claro que existem várias interpretações diferentes desse fenômeno quase mundial. Em parte, ele pode ser um experimento inocente, ou um protesto contra costumes convencionais, ou mesmo uma tentativa de escapar das duras realidades da vida. Mas também pode ser uma procura genuína por uma “consciência mais elevada” e até por uma realidade transcendente objetiva. Carlos Castaneda, por exemplo, descreve como ele usava drogas como uma forma de “divinação”, voo corporal ou sentimento de ausência do corpo, adotando corpos alternativos e movimentando-se para dentro e através de objetos. Com certeza nem todo usuário de drogas está buscando tal caminho distinto, mas muitos estão tentando escapar do tédio do mundano.¹¹

O quarto exemplo da busca por transcendência é a *proliferação de seitas religiosas*. Juntamente com o ressurgimento de crenças antigas, tem havido o aparecimento de novas religiões. A professora e psicóloga clínica americana

Margaret Singer estima que 2 milhões de pessoas estão envolvidas em cerca de 5 mil seitas diferentes somente nos Estados Unidos.¹² Um artigo principal no jornal *The Economist* advertiu que “tem se iniciado uma procura por novas formas de experiência espiritual”. E acrescentou: “Nessa busca por Deus, também é muito fácil cair, inadvertidamente, nos braços de Satanás”.¹³ O sociólogo Peter Berger deu uma explicação semelhante: “A atual onda do oculto (inclusive seu componente maligno) deve ser entendida como resultante da repressão da transcendência na consciência moderna”.¹⁴

A mais surpreendente de todas as recentes tendências religiosas é a ascensão do movimento Nova Era. Ele é uma variedade bizarra de várias crenças, religião e ciência, física e metafísica, panteísmo antigo e otimismo evolutivo, astrologia, espiritismo, reencarnação, ecologia e medicina alternativa. Um dos líderes do movimento, David Spangler, escreve em seu livro *Emergence – The Rebirth of the Sacred* [Emergência – o renascimento do sagrado] que “desde muito jovem” ele próprio se “conscientizou de uma dimensão extra” do mundo ao seu redor, que, com o passar dos anos, ele identificou como “uma dimensão sagrada ou transcendental”. “O renascimento do sentido do sagrado”, acrescenta ele, “está no âmago da Nova Era.”¹⁵

Eis aqui, portanto, quatro evidências contemporâneas de que o materialismo não satisfaz o espírito humano e de que, como resultado, as pessoas estão procurando outra realidade, uma realidade transcendente. Elas a buscam em todos os lugares – por meio da ioga e das religiões orientais, por meio do sexo (que Malcolm Muggeridge chamava de “o misticismo dos materialistas”), por meio da música e de outras artes, por meio de uma consciência mais elevada induzida pelas drogas, por meio de

seitas modernas, especulações da Nova Era, fantasias da ficção científica e da experiência imersiva de jogos on-line e da realidade virtual.

A reação cristã imediata a esse fenômeno complexo deve ser de simpatia. Pois certamente entendemos o que está acontecendo e por quê. Nas palavras do apóstolo Paulo diante dos filósofos atenienses, homens e mulheres estão “tateando à procura de Deus”, como pessoas cegas no escuro, tentando encontrar seu Criador, que os deixa inquietos até que encontrem seu descanso nele.¹⁶ Eles estão expressando a busca humana por transcendência.

Essa busca por transcendência é um desafio à qualidade do culto público da Igreja. Será que ele oferece o que as pessoas estão ansiando – o elemento de mistério, um sentido de santidade, na linguagem bíblica “o temor de Deus”, na linguagem moderna “transcendência”? A minha resposta é “nem sempre”. A Igreja nem sempre é conhecida pela profunda realidade da sua adoração. De modo particular, nós que nos denominamos “evangélicos” não sabemos bem como adorar. Nossa tendência é sermos arrogantes, irreverentes e orgulhosos. Nós temos pouco trabalho para preparar nossos cultos. Algumas vezes eles são desleixados, mecânicos, superficiais e monótonos. Outras vezes eles são frívolos chegando ao ponto da irreverência. Não é de se admirar que aqueles que procuram a Realidade frequentemente cruzam por nós e nem nos percebem!

Nós precisamos ouvir novamente as críticas que a Bíblia faz à religião. Nenhum livro, nem mesmo os de Marx e seus seguidores, é mais mordaz a respeito da religião vazia do que a Bíblia. Os profetas dos sétimo e oitavo séculos antes de Cristo eram francos no ataque que faziam ao formalismo e hipocrisia da adoração israelita. Jesus aplicou a crítica dos profetas aos fariseus de sua época: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim”.¹⁷ E essa acusação que os profetas do Antigo Testamento e Jesus fazem à religião é desconfortavelmente aplicável a nós e

às nossas igrejas hoje. Grande parte do nosso culto é ritual sem realidade, forma sem poder, diversão sem temor, religião sem Deus.

O que é necessário, então? Aqui estão algumas sugestões. Em primeiro lugar, nós precisamos de uma leitura e pregação da Palavra de Deus tão fiel que, por meio dela, sua viva voz seja ouvida, dirigindo-se ao seu povo. Em segundo lugar, nós precisamos de uma administração da Ceia do Senhor tão reverente e aguardada que (e aqui escolho minhas palavras cuidadosamente) haja uma Presença Real de Jesus Cristo, não nos elementos, mas entre seu povo e à sua mesa. Deve haver um sentido do próprio Jesus Cristo, objetiva e realmente presente, vindo a encontrar-se conosco, pronto para se tornar conhecido a nós por meio do partir do pão, e ansioso para se entregar a nós, de tal forma que possamos nos alimentar dele em nossos corações pela fé. Em terceiro lugar, precisamos de um oferecimento sincero de louvor e oração, para que o povo de Deus possa dizer como Jacó: “Na verdade, o Senhor está neste lugar, e eu não sabia”¹⁸, e os descrentes se prostrarão e adorarão a Deus, exclamando: “Deus realmente está entre vocês!”¹⁹

Em resumo, é uma grande tragédia o povo que hoje procura transcendência voltar-se para as drogas, sexo, seitas, misticismo, a Nova Era e a ficção científica, em vez da Igreja, em cujos cultos públicos a verdadeira transcendência deve sempre ser experimentada e um encontro íntimo com o Deus vivo deve ser desfrutado.

A BUSCA POR SIGNIFICADO

Há muita coisa no mundo moderno que não somente sufoca nosso senso de transcendência, mas também mina nosso sentimento de significado pessoal, nossa convicção de que a vida tem alguma importância.

Primeiramente, existe o efeito da *tecnologia*. A tecnologia pode ser libertadora, é claro, na medida em que liberta as pessoas do trabalho duro doméstico ou industrial. Mas ela também pode ser terrivelmente degradante, pois as pessoas sentem que não são mais pessoas, mas coisas, suas vidas são processadas por computadores inanimados e suas personalidades são reduzidas a conjuntos de dados.

Em segundo lugar, há um *reducionismo científico*. Alguns cientistas defendem que um ser humano nada mais é que um animal (o que Desmond Morris chama de “macaco nu”), ou nada mais que uma sequência de DNA, programada para dar respostas automáticas a estímulos externos. Declarações como essas motivaram o professor Donald MacKay a popularizar a expressão “reducionismo ambicioso” (os seres humanos são “nada mais que...”) como uma explicação do que significa o “reducionismo”, bem como a protestar contra essa tendência de tornar os seres humanos menos que totalmente pessoais.

De fato, nosso cérebro é uma máquina altamente complexa, e nossa anatomia é a de um animal. Mas isso não é uma descrição completa da nossa condição de seres humanos. Temos mais em nós do que um cérebro e um corpo.

Em terceiro lugar, o *existencialismo* diminui o senso de significado das pessoas. Os existencialistas radicais diferem de outros humanistas em sua decisão de levar seu ateísmo a sério e enfrentar suas terríveis consequências. Porque (na visão deles) Deus está morto, tudo mais morreu com ele. Porque não existe Deus, agora não há valores ou ideais também, nem leis morais ou padrões, nem propósitos ou significados – exceto aqueles que os indivíduos criam para si mesmos ao pactuarem com essa ideia. Não há nada que dê à minha existência qualquer significado, exceto minha decisão de procurar coragem para existir. O significado é encontrado somente no menosprezo da

minha própria insignificância. Não há outra forma de autenticar a mim mesmo.

Mesmo que essa filosofia pareça sombriamente heroica, deve haver poucas pessoas capazes de fazer o truque de magia de fingir ter significado quando sabem que realmente não têm. Pois o significado é essencial para a sobrevivência. Foi isso que Viktor Frankl encontrou no campo de concentração de Auschwitz. Ele observou que os detentos mais prováveis de sobreviver eram aqueles “que sabiam que havia para eles uma tarefa a realizar”.²⁰ Mais tarde ele se tornou professor de psiquiatria e neurologia na Universidade de Viena e fundou a chamada “Terceira Escola Vienense de Psiquiatria”. Ele defendia que, além do “desejo por prazer” de Freud e “desejo por poder” de Adler, os seres humanos têm um “desejo por significado”. Realmente, “a luta por encontrar um significado na vida é a força motivacional mais importante do homem”.²¹ “A neurose coletiva da era presente”, escreveu ele, é “o vácuo existencial”,²² isto é, a perda do senso de que a vida tem significado. Às vezes ele perguntava aos seus pacientes: “Por que você não comete suicídio?” (uma pergunta surpreendente para um médico fazer a um paciente!). Eles replicavam que havia alguma coisa (talvez o seu trabalho, o casamento ou a família) que fazia a vida valer a pena para eles. O professor Frankl então construía algo sobre isso.

A falta de sentido pode levar à monotonia, ao alcoolismo, à delinquência e ao suicídio. Comentando sobre o trabalho de Viktor Frankl, Arthur Koestler escreveu:

O homem tem a tendência inerente de buscar significados para preencher-se e de valores para praticar [...] Milhares e milhares de estudantes jovens vivem expostos a uma doutrinação [...] que nega a existência de valores. O resultado é um fenômeno mundial – mais e mais

pacientes se aglomeram em nossas clínicas com a reclamação de um vazio interior, de uma total e extrema falta de significado na vida.²³

De acordo com Émile Durkheim, em seu clássico estudo sobre suicídio, o maior número de suicídios é causado pela “falta de normas” ou “falta de significado”, quando alguém não tem um objetivo na vida ou tem um objetivo inatingível. “Nenhum ser humano pode ser feliz ou até mesmo existir a menos que suas necessidades sejam suficientemente proporcionais aos seus meios.”²⁴

Se a busca por transcendência foi um desafio à qualidade do culto da Igreja, a busca por significado é um desafio à qualidade do ensino da Igreja. Milhões de pessoas não sabem quem são, nem que têm algum significado ou valor. Daí vem o desafio urgente de dizer a elas quem elas são, esclarecer-lhes a respeito de suas identidades. Nós precisamos ensinar sem comprometer a completa doutrina bíblica do ser humano – sua depravação, sim, mas também sua dignidade.

Nós cristãos acreditamos no valor intrínseco dos seres humanos, por causa das nossas doutrinas da criação e da redenção. Deus fez a humanidade à sua própria imagem e nos entregou a administração responsável da terra e suas criaturas. Ele nos dotou de faculdades racionais, morais, sociais, criativas e espirituais, que nos tornam parecidos com ele e diferentes dos animais. Os seres humanos são semelhantes a Deus. Como resultado da queda, nossa semelhança com Deus foi distorcida, mas não destruída. Além disso, “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu único Filho” para a nossa redenção. A cruz é a principal evidência pública do valor que Deus nos dá.

O ensino cristão sobre a dignidade e o valor dos seres humanos é de extrema importância hoje, não só para a nossa autoimagem e autorrespeito,

mas até mesmo para o bem-estar da sociedade como um todo.

Quando os seres humanos são desvalorizados, tudo o mais na sociedade piora. As mulheres são humilhadas e as crianças são desprezadas. Os doentes são considerados um incômodo e os idosos, um peso. As minorias étnicas são discriminadas. Os pobres são oprimidos e a justiça social lhes é negada. O capitalismo demonstra sua face mais desprezível. O trabalho é explorado nas minas e nas fábricas. Os criminosos são brutalizados na prisão. As opiniões da oposição são abafadas. Campos de concentração como Belsen são inventados pela extrema direita, e campos de trabalho forçado como Gulag, pela extrema esquerda. Os descrentes são deixados para viver e morrer em sua perdição. Não há liberdade, nem dignidade, nem alegria descontraída. A vida humana parece não ser digna de ser vivida, porque já nem parece humana.

Mas, quando os seres humanos são valorizados como pessoas, devido ao seu valor intrínseco, tudo muda. Homens, mulheres e crianças, todos são honrados. Os enfermos recebem cuidado e os idosos são capacitados a viver e morrer com dignidade. Os dissidentes são ouvidos, os prisioneiros são reabilitados, as minorias são protegidas e os oprimidos são libertos. Os trabalhadores recebem um salário justo, condições decentes de trabalho e uma parcela de participação tanto na administração quanto nos lucros da empresa. E o evangelho é levado até os confins da terra. Por quê? Porque as pessoas são importantes. Porque todo homem, mulher e criança têm valor e significado como ser humano criado à imagem e semelhança de Deus.

A BUSCA POR COMUNIDADE

A moderna sociedade tecnocrática, que destrói a transcendência e o significado, destrói também a comunidade. Nós estamos vivendo em uma era de desintegração social. As pessoas acham difícil relacionar-se umas com as outras. Porém, continuamos buscando exatamente aquilo que nos escapa – amor em um mundo sem amor. Eu convoco como minhas testemunhas três pessoas muito diferentes.

A primeira é Madre Teresa. Nascida na Escópia, a capital da República da Macedônia, ela deixou seu país e foi para a Índia quando tinha apenas 17 anos de idade. Então, depois de cerca de vinte anos de ensino, ela começou a servir aos pobres mais carentes em Calcutá. No mesmo ano (1948), ela se tornou cidadã indiana, e dois anos depois fundou sua própria ordem, a das “Missionárias da Caridade”. Assim, a Índia foi seu lar por mais de sessenta anos. Eis o que ela escreveu sobre o Ocidente:

As pessoas hoje estão famintas de amor, ávidas por compreender o amor, que é [...] a única resposta à solidão e à enorme pobreza. É por isso que nós [ou seja, as irmãs e os irmãos de sua ordem] somos capazes de ir a países como Inglaterra, Estados Unidos e Austrália, onde não há fome de pão. Mas lá as pessoas estão sofrendo de terrível solidão, terrível desespero, terrível ódio, sentindo-se abandonadas, desamparadas, sem esperança. Elas esqueceram como sorrir, esqueceram a beleza do toque humano. Elas estão esquecendo o que é o amor humano. Elas precisam de alguém que as entenda e respeite.²⁵

Lembro-me de que, quando li pela primeira vez essa avaliação do mundo ocidental, fiquei um pouco indignado e a considerei exagerada. Mas desde então eu mudei de opinião. Penso que é correta, pelo menos como generalização.

Minha segunda testemunha é Bertrand Russell, o brilhante matemático e filósofo, e ateu intransigente. Ele escreveu com franqueza comovente no prólogo de sua autobiografia:

Três paixões, simples, mas impressionantemente fortes, têm governado a minha vida: o desejo por amor, a busca por conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como grandes ventos, têm me soprado de um lado para outro, em um curso caprichoso, sobre um profundo oceano de angústia, chegando à beira do desespero. Eu tenho procurado amor, primeiramente, porque ele traz êxtase [...] Em segundo lugar, porque alivia a solidão – aquela terrível solidão na qual a consciência estremecida olha acima da borda do mundo para o frio e insondável abismo sem vida...²⁶

Woody Allen é minha terceira testemunha. A maioria das pessoas pensa que ele é um comediante (ele já vendia suas piadas para a imprensa quando ainda cursava o ensino médio), mas “dentro do palhaço há um escritor de tragédias”.²⁷ Apesar de todo o seu aclamado brilhantismo como escritor, diretor e ator, ele parece nunca ter encontrado nem a si mesmo, nem a ninguém mais. Ele descreve o relacionamento íntimo como “dois psicopatas debaixo de um lençol”. Em seu filme *Manhattan* (1979), ele satiriza as pessoas, dizendo que elas deveriam “acasalar-se para a vida toda, como os pombos ou os católicos”, mas parece ser incapaz de seguir seu próprio preceito. Ele confessa que todos os seus filmes “tratam da maior de todas as dificuldades – os relacionamentos amorosos. Todos se defrontam com isso. Ou as pessoas estão apaixonadas, ou prestes a se apaixonar, ou saindo de um relacionamento amoroso, ou procurando o amor ou uma maneira de evitá-lo”.²⁸ Seu biógrafo termina a imagem traçada dele com estas palavras: “Ele

está lutando, como *nós* certamente estamos lutando, para encontrar a força de fundamentar uma vida sobre um amor. Como o personagem diz em *Hannah and Her Sisters*: “Talvez os poetas estejam corretos. Talvez o amor seja a única resposta”.²⁹

Eis aqui três pessoas de contextos, crenças, temperamentos e experiências muito diferentes, que, apesar de tudo, concordam entre si sobre a importância crucial do amor. Elas falam pela raça humana. Todos nós sabemos instintivamente que o amor é indispensável à nossa humanidade. A vida consiste no amor.

Por isso, as pessoas o buscam em todos os lugares. Alguns estão rompendo com o individualismo e experimentando estilos de vida comunitários. Outros estão repudiando as instituições do casamento e da família em uma tentativa (vã e tola, os cristãos acreditam) de encontrar a liberdade e espontaneidade do amor. Todos estão em busca de uma comunidade genuína e de relações de amor autênticas. As conhecidas palavras “O amor, o amor muda tudo” do musical *Aspects of Love*, de Andrew Lloyd Webber, dizem tudo.

O terceiro desafio do mundo, então, diz respeito à qualidade da comunhão da Igreja. Nós proclamamos que Deus é amor e que Jesus Cristo oferece verdadeira comunidade. Nós insistimos que a Igreja faz parte do evangelho. O propósito de Deus, dizemos, não é meramente salvar indivíduos isolados e, assim, perpetuar a solidão deles, mas edificar uma igreja, criar uma nova sociedade, até mesmo uma nova humanidade, na qual as barreiras raciais, nacionais, sociais e sexuais tenham sido abolidas. Além do mais, essa nova comunidade de Jesus ousa apresentar-se como a verdadeira sociedade alternativa, que ofusca os valores e padrões do mundo.

É uma alegação de alta repercussão. Mas a tragédia é que a Igreja tem falhado consistentemente em viver de acordo com os seus próprios ideais.

Seu entendimento teológico de seu chamado pode ser impecável. Mas, comparativamente falando, há pouca aceitação, pouco cuidado e pouco amor solidário entre nós. As pessoas que procuram por comunidade deviam entrar aos montes em nossas igrejas. Em vez disso, a Igreja é o único lugar que elas nem pensam em procurar, tão seguras estão de que ali não encontrarão amor.

Entretanto, seria injusto sermos totalmente negativos em nossa avaliação da Igreja contemporânea. Pois existem, por todo o mundo, comunidades cristãs em que se encontra amor verdadeiro, sacrificial, servil e solidário. Onde quer que floresça o amor cristão, seu magnetismo é quase irresistível. O bispo Stephen Neill expressou isso muito bem:

Dentro da comunhão daqueles que estão unidos pela lealdade pessoal a Jesus Cristo, o relacionamento de amor alcança uma intimidade e uma intensidade desconhecidas em qualquer outro lugar. A amizade entre os amigos de Jesus de Nazaré é diferente de qualquer outra amizade. Deveria ser a experiência normal dentro da comunidade cristã [...] O fato de isso ser tão raro nas congregações cristãs existentes é uma manifestação do fracasso da Igreja como um todo em viver de acordo com o propósito do seu Fundador para ela. Onde ela é experimentada, especialmente além das barreiras de raça, nacionalidade e idioma, é uma das evidências mais convincentes da atividade contínua de Jesus entre os homens.³⁰

Aqui está, pois, a busca tríplice na qual os seres humanos estão engajados. Embora as pessoas possam não articulá-la desse modo, podemos dizer que, ao procurar por transcendência, elas estão tentando encontrar a Deus; ao procurar por significado, elas estão tentando encontrar a si mesmas; e, ao

procurar por comunidade, elas estão tentando encontrar o próximo. Esta é a busca universal da humanidade: por Deus, pelo próximo e por nós mesmos.

Além disso, como diz a afirmação cristã (confiante, eu sei; humilde, espero), aqueles que buscam encontrarão – em Cristo e em sua nova sociedade. A busca secular contemporânea me parece constituir um dos maiores desafios – e oportunidades – aos quais a Igreja já foi apresentada: as pessoas estão procurando abertamente justo aquilo que Jesus Cristo está oferecendo!

A única questão é se a Igreja pode ser tão radicalmente renovada pelo Espírito e pela Palavra de Deus que ofereça uma experiência de transcendência por meio do seu culto, de significado por meio do seu ensino e de comunidade por meio da sua comunhão. Se puder, então as pessoas se voltarão para ela avidamente, e nossa proclamação das boas novas terá uma credibilidade que de outra forma não teria.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Quais são as esperanças, medos e frustrações das pessoas ao seu redor?
2. Como essas esperanças e medos são satisfeitos em Cristo e no seu povo?
3. Que sinais de desejo por transcendência você vê em nossa cultura?
4. Como podemos assegurar que um senso de transcendência seja uma característica da adoração nas nossas igrejas?
5. Onde as pessoas ao seu redor procuram por significado? Como o evangelho confirma, completa ou desafia essas tentativas de encontrar significado?

6. Que passos práticos você daria para assegurar que sua igreja ou pequeno grupo seja uma comunidade de amor magnético?

CAPÍTULO 2

EVANGELISMO POR MEIO DA IGREJA LOCAL¹

“QUALQUER HOMEM que seja um cristão silencioso, não professando sua fé abertamente, mas disfarçando-se e ocultando-se por temor do perigo por vir, dará aos outros ocasião, com toda razão e com boa consciência, de duvidar que ele tenha a graça do Espírito Santo em si, porque sua língua está amarrada e ele não fala.” Em outras palavras, os cristãos que nunca compartilham da sua fé provavelmente não são verdadeiros cristãos. Assim dizem as *Homilias*, uma coleção de sermões de 1571 proclamados nas igrejas para apresentar ao povo da Inglaterra a nova fé reformada da Igreja.

VÁRIAS FORMAS DE EVANGELISMO

O evangelismo pode assumir diferentes formas. Desde que Jesus ofereceu a água viva à mulher samaritana no poço de Jacó,² e Filipe contou as boas novas de Jesus ao etíope em sua carruagem,³ o *evangelismo pessoal* tem tido precedentes bíblicos impecáveis. Ainda é nosso dever, quando a oportunidade é dada, compartilhar Cristo com nossos parentes, amigos, vizinhos e colegas que ainda não o conhecem.

O *evangelismo de massas* (pregação de um evangelista para multidões) também tem sido abençoado por Deus. O próprio Jesus proclamou as boas novas do reino às multidões na Galileia. O mesmo fez o apóstolo Paulo aos

pagãos de Listra⁴ e aos filósofos de Atenas.⁵ John Wesley e George Whitefield também o fizeram na Grã-Bretanha e Estados Unidos no século 18. Evangelistas talentosos de muitas nacionalidades ainda estão pregando efetivamente para grandes multidões hoje, apesar de saberem que seu ministério depende da cooperação das igrejas e dos cristãos. E por todo o mundo existem clérigos e leigos que levam a pregação a sério, e que se lembram de que suas congregações frequentemente incluem não cristãos e cristãos nominais que precisam ouvir o evangelho.

No entanto, o *evangelismo por meio da igreja local* é o método mais normal, natural e produtivo de difundir o evangelho hoje, por duas razões principais.

Primeiramente, há o *argumento da Escritura*. De acordo com o apóstolo Pedro, a Igreja é tanto “um sacerdócio real” para oferecer sacrifícios espirituais a Deus (ou seja, o culto) quanto “uma nação santa” para proclamar os louvores de Deus (ou seja, o testemunho).⁶ E essas responsabilidades da Igreja universal recaem sobre cada igreja local. Toda congregação cristã é chamada por Deus para ser uma comunidade adoradora e de testemunho. Realmente, cada uma dessas duas tarefas necessariamente envolve a outra. Se nós verdadeiramente cultuamos a Deus, sentimo-nos impulsionados a fazê-lo conhecido a outros, de tal maneira que eles também possam cultuá-lo. Assim, a adoração leva ao testemunho e o testemunho, por sua vez, leva à adoração, em um círculo contínuo.

Os tessalonicenses deram um ótimo exemplo de evangelismo da igreja local. Em sua primeira carta a eles, Paulo destaca essa sequência notável: “Nosso evangelho [...] chegou a vocês [...] receberam a palavra [...] partindo de vocês, propagou-se a mensagem do Senhor”.⁷ Dessa maneira a igreja local se torna como uma caixa acústica, que reflete e amplifica as vibrações que recebe. Ou é como um satélite de comunicação, que primeiramente recebe e

depois transmite a mensagem. Toda igreja que já ouviu o evangelho deve passá-lo adiante. Esse ainda é o principal método de evangelismo de Deus. Se todas as igrejas tivessem sido fiéis a essa comissão, o mundo já teria sido evangelizado há muito tempo.

Em segundo lugar, há *o argumento da estratégia*. Cada igreja local está situada em um contexto específico. Sua primeira responsabilidade missional deve ser, portanto, para com as pessoas que vivem ali. A congregação é posicionada estrategicamente para alcançar aquela localidade. Qualquer partido político ficaria extremamente enciumado com a instalação e com a equipe que estão ao nosso dispor. Em muitos países as igrejas têm amplos recursos para difundir o evangelho em todo o seu território.

Assim, a teologia bíblica e a estratégia prática se unem para tornar a igreja local o principal agente de evangelismo.

Mas, se a igreja local deve colocar em prática seu papel apontado por Deus, ela deve primeiro cumprir quatro condições. Ela deve *compreender-se* (a teologia da igreja), *organizar-se* (as estruturas da igreja), *expressar-se* (a mensagem da igreja) e *ser ela mesma* (a vida da igreja).

A IGREJA DEVE COMPREENDER-SE

A teologia da igreja

Muitas igrejas estão doentes porque têm uma autoimagem falsa. Elas não compreenderam quem são (sua identidade) nem seu chamado (sua vocação). Todos nós sabemos da importância de uma correta autoimagem para a boa saúde mental. O que é verdadeiro sobre as pessoas é, igualmente, verdadeiro sobre as igrejas.

Pelo menos duas imagens falsas da igreja são preponderantes hoje. A primeira delas é a do *clube religioso* (ou *cristianismo introvertido*). De acordo com essa visão, a igreja local se assemelha ao clube de golfe local, exceto que o interesse comum dos seus membros é Deus, não o golfe. Eles se veem como pessoas religiosas que apreciam fazer coisas religiosas juntos. Eles pagam suas mensalidades e consideram que têm o direito a certos privilégios. De fato, eles se concentram no status e nas vantagens de serem membros do clube. Eles esqueceram – ou nunca souberam – que, como o arcebispo William Temple coloca, “a igreja é a única sociedade cooperativa do mundo que existe para o benefício daqueles que não são seus membros”. Em vez disso, eles são completamente introvertidos, como uma unha encravada. Na verdade, Temple foi culpado de um pequeno exagero, pois os membros da igreja realmente têm uma responsabilidade uns para com os outros, como indicam os muitos “uns aos outros” que aparecem em versículos do Novo Testamento (“amai-vos uns aos outros”, “fortalecei uns aos outros”, “levei as cargas uns dos outros” etc.). No entanto, nossas responsabilidades principais são nosso culto a Deus e nossa missão no mundo.

No extremo oposto ao clube religioso está a *missão secular* (ou *cristianismo sem religião*). No século 20, alguns pensadores cristãos ficaram exasperados com o egocentrismo da igreja. Parecia-lhes que ela estava tão absorvida por suas próprias questões internas mesquinhas que decidiram abandoná-la. Na área do serviço divino eles trocaram a igreja pela cidade secular. Eles não estavam mais interessados em cultos de adoração, diziam eles, mas somente em servir aos outros. Assim, eles tentaram desenvolver um “cristianismo sem religião”, no qual eles reinterpretaram o culto como missão, o amor a Deus como amor ao próximo e a oração a Deus como encontro com pessoas. Um movimento semelhante de “pós-evangélicos” ou

“igreja emergente” abandonou as congregações tradicionais em favor de comunidades cristãs não estruturadas com foco na transformação da vizinhança.

Como avaliamos esses movimentos? O desgosto deles pela religião egocêntrica certamente estava correto. Uma vez que é nauseante para Deus, também deve nos enjoar. Mas o conceito de “cristianismo sem religião” foi uma reação exagerada e desequilibrada. A mensagem do evangelho não pode ser ajustada para se encaixar às sensibilidades modernas. E nós não temos liberdade para confundir culto e missão, apesar de (como vimos) cada um envolver o outro. Sempre há um elemento de missão no culto e de culto na missão, mas eles não são sinônimos.

Existe uma terceira forma de se compreender a igreja, que une o que é verdadeiro em ambas as falsas imagens e que reconhece que nós temos uma responsabilidade de cultuar a Deus e de servir ao mundo. É *a dupla identidade da igreja* (ou *cristianismo encarnacional*). Por sua “dupla identidade” eu quero dizer que a igreja é um povo que foi chamado para sair do mundo para cultuar a Deus e foi enviado de volta ao mundo para testemunhar e servir. De fato, essas são duas das “marcas” clássicas da igreja. De acordo com a primeira, a igreja é “santa”, conclamada a pertencer a Deus e a adorá-lo. De acordo com a segunda, a igreja é “apostólica”, enviada ao mundo em sua missão. A igreja deve ser simultaneamente “santa” (distinta do mundo) e “mundana” (não no sentido de assimilar os valores do mundo, mas no sentido de renunciar a outra mundanidade e, em vez disso, tornar-se imersa na vida do mundo). Alec Vidler capturou essa dupla identidade da igreja ao fazer referência à sua “santa mundanidade”.⁸

Ninguém jamais exibiu “santa mundanidade” melhor do que nosso próprio Senhor Jesus Cristo. Sua encarnação é a perfeita personificação dela. Por um lado, ele veio a nós em nosso mundo e assumiu a completa realidade

da nossa humanidade. Ele se tornou um conosco em nossa fragilidade e se expôs às nossas tentações. Ele confraternizou com pessoas comuns, que se agrupavam ao redor dele avidamente. Ele deu as boas-vindas a todos e não rejeitou ninguém. Ele se identificou com nossos sofrimentos, nossos pecados e nossa morte. Por outro lado, ao se misturar livremente com pessoas como nós, ele nunca sacrificou nem comprometeu sua própria identidade singular. A sua perfeição era a da “santa mundanidade”.

E agora ele nos envia ao mundo, assim como ele mesmo foi enviado ao mundo.⁹ Nós temos que penetrar no mundo das outras pessoas, como ele penetrou no nosso – o mundo dos seus pensamentos (enquanto lutamos para entender seu mau entendimento do evangelho), o mundo dos seus sentimentos (enquanto tentamos ter empatia com as suas dores) e o mundo da sua vida (enquanto sentimos a humilhação da sua situação social, seja ela pobreza, desabrigo, falta de trabalho ou discriminação). O arcebispo Michael Ramsey explica isso muito bem: “Nós declaramos e recomendamos a fé somente na medida em que saímos e nos colocamos com amorosa simpatia dentro das dúvidas do duvidoso, das perguntas do indagador e da solidão daqueles que perderam o caminho”.¹⁰ Ainda assim, essa imersão dispendiosa no mundo das outras pessoas não deve ser empreendida às custas da nossa própria integridade cristã. Nós somos chamados para manter os padrões de Jesus Cristo imaculados.

Raramente, em sua longa história, a igreja conseguiu preservar essa dupla identidade da santa mundanidade que lhe foi dada por Deus. Em vez disso, ela tem tendido a oscilar entre os dois extremos. Algumas vezes (numa ênfase exagerada em sua santidade) a igreja tem se retirado do mundo e, assim, negligenciado sua missão. Outras vezes (numa ênfase exagerada em sua mundanidade) ela tem se conformado ao mundo, assimilando suas opiniões e valores, e, assim, negligenciado sua santidade. Mas, para cumprir

sua missão, a igreja deve responder fielmente a ambos os chamados e preservar ambas as partes da sua identidade.

A “missão” surge, então, da doutrina bíblica da igreja no mundo. Se não formos “a igreja”, o povo santo e distinto de Deus, não teremos nada a dizer porque estamos comprometidos. Se, por outro lado, não estivermos “no mundo”, profundamente envolvidos em sua vida e sofrimento, não teremos ninguém a quem servir porque estamos isolados. Nosso chamado é para sermos “santos” e “mundanos” ao mesmo tempo. Sem essa eclesiologia bíblica equilibrada, nós nunca recuperaremos nem cumprimos nossa missão.

A IGREJA DEVE ORGANIZAR-SE

As estruturas da igreja

A igreja deve organizar-se de tal forma que expresse sua compreensão de si mesma. Suas estruturas devem refletir sua teologia, especialmente sua dupla identidade.

Frequentemente a igreja é estruturada para a “santidade”, e não para a “mundanidade”, para o culto e a comunhão, e não para a missão. Em contrapartida, o relatório *A Igreja para os Outros: Uma Busca por Estruturas para Congregações Missionárias* diz:

A igreja missionária não está preocupada consigo mesma – é uma igreja para os outros [...] Seu centro está fora de si mesma; ela deve viver “com o foco fora de si” [...] A igreja precisa se voltar para o mundo [...] Nós precisamos reconhecer que as igrejas têm se transformado em “igrejas

de espera”, para as quais espera-se que as pessoas venham. Suas estruturas herdadas enfatizam e incorporam essa perspectiva estática. Pode-se dizer que nós corremos o risco de perpetuar “estruturas de vinda” em vez de substituí-las por “estruturas de ida”. Pode-se dizer que a inércia tem substituído o dinamismo do evangelho e da participação na missão de Deus.¹¹

Nossas estruturas estáticas, inflexíveis e autocentradas são “estruturas heréticas” porque incorporam uma doutrina herética da igreja.

Algumas igrejas zelosas organizam um programa superlotado de atividades concentradas na igreja, com algo providenciado para todas as noites da semana. Na segunda-feira à noite as comissões se reúnem; na terça-feira à noite, os grupos de comunhão. Na noite de quarta-feira há estudo bíblico, enquanto na quinta-feira à noite há reunião de oração. Na sexta-feira e sábado à noite outras boas causas ocupam o tempo e a energia das pessoas. Essas igrejas dão a impressão de que seu principal objetivo é manter seus membros fora de confusão!

Mas um programa desses, tão abarrotado e centralizado na igreja, por mais admirável que possa parecer à primeira vista, tem muitas desvantagens e perigos. Para começar, é prejudicial à vida familiar. Casamentos se rompem e famílias se desintegram porque os pais raramente estão em casa. Ele também inibe os membros de se envolverem com a comunidade local porque estão preocupados demais com a igreja local. Dessa forma, ele contradiz uma parte essencial da identidade da igreja, sua “mundanidade”. Como o bispo Richard Wilke colocou, “nossa estrutura se tornou um fim em si mesma, não um meio de salvar o mundo”.¹² Nesse caso, ela é uma estrutura herética.

Algumas vezes eu me pergunto (embora eu exagere para realçar meu argumento) se não seria mais saudável os membros da igreja se encontrarem apenas aos domingos (para adoração, comunhão e ensino), e não durante toda a semana. Então nos reuniríamos aos domingos e nos espalharíamos pelo restante da semana. Nós viríamos a Cristo para adorá-lo e iríamos por Cristo em missão. E, nesse ritmo de domingo-dias-da-semana, reunir-espalhar, vir-ir e culto-missão, a igreja expressaria sua santa mundanidade, e sua estrutura se adaptaria à sua dupla identidade.

Então, como a igreja local deve se organizar? De modo ideal, parece-me que a cada cinco ou dez anos cada igreja deve se avaliar e rever quanto suas estruturas refletem sua identidade. Ela deve conduzir uma “auditoria da igreja local” para descobrir até que ponto a igreja está penetrando na comunidade para levá-la a Cristo. Isso pode envolver duas pesquisas, criar um “perfil da comunidade local” (“fazer uma descrição precisa da comunidade”) e um “perfil da igreja local” (“fazer uma descrição precisa da igreja local”).¹³

UMA PESQUISA DA COMUNIDADE LOCAL

Cada igreja está estabelecida em uma situação particular e precisa familiarizar-se com seu contexto. Isso envolve fazer perguntas como estas:

1. Que tipos de pessoas vivem em nossa vizinhança? Qual é a sua origem étnica, nacionalidade, religião, cultura, meio de comunicação preferido e trabalho? Qual é a proporção de famílias chefiadas por pai e mãe, famílias chefiadas só por mãe ou só por pai, famílias compostas por

- solteiros, idosos, jovens? Quais são as principais necessidades sociais da área, concernentes a moradia, emprego, pobreza e educação?
2. No bairro há centros educacionais, sejam eles escolas, faculdades, centros profissionalizantes, creches?
 3. Que tipos de estabelecimentos comerciais são encontrados na área? Fábricas, fazendas, escritórios, lojas ou estúdios? Há um índice considerável de desemprego?
 4. Onde as pessoas moram? Em casas ou apartamentos? São proprietárias ou alugam suas moradias? Existem hotéis, hostels, alojamentos estudantis, blocos de apartamentos ou lares para idosos?
 5. Onde as pessoas se reúnem no tempo de folga? Cafés ou restaurantes, bares ou discotecas, shoppings, clubes de jovens ou outros clubes, bingos, salas de concertos, teatros ou cinemas, quadras de esportes, parques ou nas esquinas?
 6. Que tipos de serviços públicos existem? Polícia, corpo de bombeiros, presídio, hospital, biblioteca pública, outros serviços sociais?
 7. Existem outros prédios religiosos – igrejas ou capelas, sinagogas, mesquitas, templos ou salas de leitura de ciência cristã?
 8. A comunidade tem mudado nos últimos dez anos? E que mudanças podem ser projetadas para os próximos dez anos?

UMA PESQUISA DA IGREJA LOCAL

Essa segunda pesquisa precisa perguntar se a igreja está organizada para servir a si mesma ou para servir a Deus e à comunidade. Ela está realmente organizada somente para si mesma, para sua própria sobrevivência e

conveniência e para a preservação dos seus privilégios? Quais são suas tradições e suas convenções mais valorizadas que desnecessariamente a separam da comunidade?

1. *O prédio da igreja.* Os membros da igreja tendem a estar mais interessados no seu *interior* (sua beleza, conforto e instalações). Mas nós precisamos também andar em volta dele e olhar para ele pelos olhos de *alguém de fora*: que imagem ele apresenta? Parece uma fortaleza (escura, repulsiva e austera), ou é um lugar luminoso, convidativo e acolhedor? Um olhar crítico no interior do prédio da igreja será necessário também, especialmente por meio dos olhos de visitantes não cristãos – sua decoração e móveis, iluminação e aquecimento, seus quadros de avisos, cartazes, estantes e folhetos.
2. *Os cultos da igreja.* Os nossos cultos são exclusivamente para os comprometidos, concebidos somente para os membros e, portanto, baboseira para os de fora? Ou nós nos lembramos dos membros periféricos e dos não membros que podem estar presentes? O que dizer do formato do culto, da liturgia e da linguagem, da música (palavras, melodias e instrumentos), dos assentos e da vestimenta dos pastores e da congregação? Nós precisamos perguntar a nós mesmos que mensagens todas essas coisas transmitem.
3. *Os membros da igreja.* Os membros de nossas igrejas estão mobilizados para missões? Ou nossa igreja é tão predominada pelo clero de tal maneira que isso seja impossível? Ela conseguiu compreender o compromisso do Novo Testamento sobre o “sacerdócio universal do corpo de Cristo”? Ou ela é menos um corpo e mais uma pirâmide, com o clero no pináculo e os leigos apertados nas fileiras inferiores da sua base? Os membros da igreja são também membros da comunidade? Ou

eles estão tão preocupados com as atividades da igreja ou com o cristianismo viajante (viajando longas distâncias para chegar à igreja) que o envolvimento local é difícil ou artificial?

4. *O programa da igreja.* Nós aprisionamos nossos membros na igreja? Ou nós os liberamos deliberadamente (inclusive os líderes) dos compromissos da igreja para serem ativos por Cristo na comunidade? Nós damos suporte a eles com nosso interesse e orações? A verdade bíblica da dupla identidade da igreja é ensinada e incorporada? O treinamento está disponível para aqueles que querem comprometer-se com o serviço e o testemunho cristãos?

As duas pesquisas (da comunidade e da igreja) precisarão ser estudadas pela liderança da igreja (ministros e leigos). Dessa reflexão surgirá uma estratégia renovada para missões. A igreja pode, assim, estabelecer alvos de longo e curto prazos, com uma lista de prioridades. A igreja pode concluir que está sofrendo de uma falsa autoimagem e precisa de ensino bíblico sobre sua santa mundanidade e as implicações disso para missões; ou que um programa de treinamento é necessário para preparar os membros para o evangelismo; ou que as atividades concentradas na igreja devem ser reduzidas para aumentar o envolvimento na comunidade. Ela pode decidir reestruturar o prédio da igreja, a decoração, os assentos ou os cultos; ou organizar uma visitação do seu entorno em conjunto com outras igrejas locais; ou formar grupos especializados para penetrar em segmentos específicos da localidade. Por exemplo, um grupo pode adotar um bar local, não para fazer incursões evangelísticas ocasionais nele, mas para visitá-lo regularmente (em pares) por um longo período, a fim de fazer amizade com as pessoas que se reúnem ali. Repetindo, a igreja pode decidir organizar reuniões nos lares para os vizinhos, ou uma série de palestras apoloéticas

em um local neutro, ou cultos regulares para convidados com uma orientação evangelística, para os quais os membros podem trazer amigos. Ou a igreja pode tomar a decisão de assumir alguma necessidade social especial que tenha surgido durante as pesquisas e encorajar um grupo a estudá-la e depois recomendar a ação. Todas essas decisões serão elaboradas para ajudar a igreja a se identificar com a comunidade e a desenvolver estruturas que facilitem uma missão autenticamente encarnacional.

A IGREJA DEVE EXPRESSAR-SE

A mensagem da igreja

Não basta que a igreja local se compreenda e se organize adequadamente; ela deve também articular sua mensagem. Pois evangelismo, no sentido mais simples e básico, é compartilhar o evangelho (o “evangel”). Assim, para definir evangelismo, devemos também definir as boas novas.

Não há dúvida de que a essência do evangelho é o próprio Jesus Cristo. Seria impossível pregar as boas novas cristãs sem falar de Jesus. Desse modo, nós lemos que Filipe, falando ao etíope, “anunciou-lhe a Jesus”.¹⁴ O apóstolo Paulo se descreveu como “separado para o evangelho de Deus [...] com respeito a seu Filho”.¹⁵ Além disso, ao dar testemunho de Jesus, nós devemos falar, acima de tudo, da sua morte e ressurreição. Citando o famoso resumo de Paulo sobre o evangelho apostólico, “antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu”.¹⁶ Nós simplesmente não estamos compartilhando o evangelho se não declararmos o amor de Deus ao dar seu Filho para viver a

nossa vida, morrer por nossos pecados e ressuscitar de novo, juntamente com sua oferta, feita por meio de Jesus Cristo a todos que se arrependem e nele creem, de uma nova vida de perdão e libertação, e de participação em sua nova sociedade.

Mas como formularemos essas boas novas nas sociedades cada vez mais pluralistas do nosso mundo, de tal maneira que alcancem repercussão e façam sentido para elas? Existem dois extremos opostos a serem evitados.

O primeiro extremo eu chamarei *imutabilidade total*. Alguns cristãos parecem estar escravizados a palavras e fórmulas, e assim se tornam prisioneiros de um estereótipo do evangelho. Eles embrulham sua mensagem em um pacote bonito e bem-arrumado. Eles colocam a fita adesiva, um rótulo e a etiqueta de preço como se estivesse destinado ao supermercado. E, então, a menos que sua nomenclatura favorita seja utilizada (reino de Deus, sangue de Jesus, libertação humana, nascer de novo, justificação pela fé, senhorio cósmico de Cristo), eles declaram que o evangelho não tem sido pregado. O que essas pessoas parecem não ter observado é a rica diversidade de formulações do evangelho que são encontradas no próprio Novo Testamento. As opções que listei são todas bíblicas, mas, porque todas elas contêm um elemento de imagem, e cada imagem é diferente, é impossível fundi-las em um conceito único e simples. Assim, é perfeitamente legítimo desenvolver um ou outro desses conceitos, de acordo com o que parecer mais adequado em cada ocasião.

O extremo oposto é a *fluidade total*. Há alguns anos eu ouvi um bispo britânico dizer: “Não existe isso de evangelho no vácuo. Você nem sabe o que o evangelho é até viver cada situação particular. Você precisa viver a situação primeiro, e então você descobrirá o evangelho quando estiver lá”. Agora, se ele quis dizer que ele queria ver o evangelho dentro de um contexto, e não no vácuo, e que nós precisamos relacionar o evangelho

sensivelmente com cada pessoa e situação, eu concordo completamente. Mas dizer que “não existe isso de evangelho no vácuo” e que “você o descobrirá” em cada situação certamente é um grande exagero. Pois o que os defensores da fluidez total parecem não ter observado é que, juntamente com a rica diversidade do Novo Testamento sobre a formulação do evangelho, há também uma unidade subjacente (especialmente com respeito à morte e ressurreição salvadoras de Jesus) que une as diferentes formulações. Como o professor A. M. Hunter escreveu, “existe [...] uma unidade profunda no Novo Testamento, que domina e transcende todas as diversidades”.¹⁷

Existe um meio-termo? Sim, existe. Ambos os extremos que descrevi expressam preocupações importantes que precisam ser preservadas. A primeira (“imutabilidade total”) enfatiza corretamente que o evangelho foi revelado por Deus e recebido por nós. Tanto é uma tradição a ser preservada quanto um depósito a ser guardado. Nós não o inventamos nem temos liberdade para alterá-lo ou adulterá-lo. A segunda (“fluidez total”) enfatiza corretamente que o evangelho deve ser adaptado adequadamente a cada pessoa ou situação em particular. De outra maneira ele seria considerado irrelevante.

De alguma forma, então, nós precisamos aprender a conciliar essas duas preocupações apropriadas. Nós precisamos lutar contra a tensão entre a Palavra antiga e o mundo moderno, entre o que foi dado e o que foi deixado em aberto, entre conteúdo e contexto, Escritura e cultura, revelação e contextualização. Nós precisamos de mais fidelidade à Escritura e mais sensibilidade para com as pessoas. Não um sem o outro, mas ambos.

A IGREJA DEVE SER ELA MESMA

A vida da igreja

Pressupõe-se que a igreja seja a nova sociedade de Deus, a encarnação viva do evangelho, um sinal do reino de Deus, uma demonstração de como a comunidade humana se parece quando ela está debaixo do seu gracioso governo.

Em outras palavras, o propósito de Deus é que as boas novas de Jesus Cristo sejam comunicadas tanto visualmente quanto verbalmente, “por palavras e obras”. Todo educador sabe que é muito mais fácil, para os seres humanos, aprender por meio do que eles veem e experimentam do que por meio do que ouvem. Ou melhor, palavra e obra, ouvir e ver, essencialmente andam juntos. Certamente é assim no evangelismo. As pessoas precisam ver com seus próprios olhos que o evangelho que pregamos nos transformou. Como disse John Poulton, “os cristãos [...] precisam se parecer com o que eles falam. São as *pessoas* que comunicam principalmente, não as palavras ou ideias [...] O que comunica agora é basicamente a autenticidade pessoal”.¹⁸ Se a nossa vida contradiz a nossa mensagem, nosso evangelismo não terá credibilidade alguma. De fato, o maior obstáculo ao evangelismo é a falta de integridade no evangelista.

Em 1 João 4.12 é dito: “Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado”. Deus é invisível. Ninguém jamais o viu. Tudo que os seres humanos já viram dele são vislumbres da sua glória.

A invisibilidade de Deus é um grande problema para a fé. Foi assim com os judeus no Antigo Testamento. Seus vizinhos pagãos riam deles por adorarem a um Deus invisível. “Vocês dizem que creem em Deus?”, eles os insultavam. “Onde ele está? Venham aos nossos templos e lhes mostraremos nossos deuses. Eles têm ouvidos e olhos, mãos e pés, boca e nariz também.

Mas onde está o Deus de vocês? Nós não podemos vê-lo. Ha, ha, ha!” Os judeus achavam difícil passar por essa ridicularização. Daí a reclamação do salmista e profeta: “Por que diriam as nações: ‘Onde está o Deus deles?’”¹⁹ É claro que Israel tinha sua própria apologética. Os ídolos dos pagãos eram nada, somente obra de mãos humanas. É verdade que tinham boca, mas não podiam falar; ouvidos, mas não podiam ouvir; nariz, mas não podiam sentir cheiro; mãos, mas não podiam sentir; e pés, mas não podiam andar.²⁰ *Yahweh*, por outro lado, embora (sendo espírito) não tivesse boca, havia falado; embora não tivesse ouvidos, ouvia as orações de Israel; e, embora não tivesse mãos, havia criado o universo e redimido seu povo com seu magnífico poder. Ao mesmo tempo, o povo de Deus ansiava que ele se fizesse conhecido às nações, para que elas pudessem vê-lo e crer nele.

O mesmo problema de um Deus invisível nos desafia hoje, especialmente aqueles que foram educados pelo método científico. Eles foram ensinados a examinar tudo com seus cinco sentidos. É dito a eles que suspeitem de qualquer coisa que não possa ser sujeitada à investigação empírica. Assim, como pode ser razoável crer em um Deus invisível? “Deixem-nos somente vê-lo”, dizem eles, “e creremos.”

Como, então, Deus solucionou o problema da sua própria invisibilidade? Em primeiro lugar e mais importante, ele o fez enviando seu Filho ao mundo. “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.”²¹ Como resultado, Jesus pôde dizer: “Quem me vê a mim vê o Pai”,²² e Paulo pôde descrevê-lo como “a imagem [visível] do Deus invisível”.²³

A isso o povo tende a responder: “Isso é maravilhoso, mas aconteceu há aproximadamente 2 mil anos. Existe uma maneira pela qual o Deus invisível se faz visível *hoje*?”. Sim, existe. “Ninguém jamais viu a Deus.”²⁴ Nós lemos em 1 João 4.12 as mesmas palavras que em João 1.18. Mas agora João

conclui a sentença de modo diferente. No Evangelho ele escreveu que “o Deus unigênito [...] é quem o revelou”. Na epístola ele escreve que, “se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado”. Por causa da repetição deliberada de João da mesma afirmação, isso só pode significar uma coisa. O Deus invisível, que uma vez se fez visível por meio de Cristo, agora se faz visível por meio dos cristãos, *se amarmos uns aos outros*.

Deus é amor em sua essência, e revelou seu amor ao dar seu Filho para viver e morrer por nós. Agora ele nos chama para sermos uma comunidade de amor. Nós somos chamados para amar uns aos outros na intimidade da sua família – especialmente ultrapassando barreiras de idade e sexo, raça e classe social. E nós somos chamados para o mundo que Deus ama em sua alienação, fome, pobreza e dor. É pela qualidade do nosso amor que Deus se faz visível hoje.

Nós não podemos proclamar o evangelho do amor de Deus com a mínima integridade se não o exibirmos em nosso amor para com os outros. Talvez nada seja tão prejudicial à causa de Cristo quanto uma igreja que é dividida por ciúmes, rivalidade, calúnia e malícia ou que vive preocupada com seus próprios interesses egoístas. Essas igrejas precisam com urgência ser radicalmente renovadas no amor. Apenas se amarmos uns aos outros é que o mundo crerá que Jesus é o Cristo e que nós somos seus discípulos.²⁵

Eis aqui, então, os quatro principais pré-requisitos para o evangelismo por meio da igreja local:

1. A igreja deve compreender-se (teologicamente), assimilando sua dupla identidade da santa mundanidade.
2. A igreja deve organizar-se (estruturalmente), desenvolvendo uma estratégia missionária que reflita essa dupla identidade.

3. A igreja deve expressar-se (verbalmente), articulando seu evangelho de uma maneira que seja fiel à Escritura e, ao mesmo tempo, relevante para o mundo contemporâneo.
4. A igreja deve ser ela mesma (moral e espiritualmente), tornando-se uma comunidade de amor por meio da qual o Deus invisível se faz visível ao mundo novamente.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. A igreja é chamada à “santa mundanidade”. Você consegue pensar em situações em que igrejas ou cristãos são santos, mas introvertidos? O que dizer de situações nas quais eles estão envolvidos, mas comprometidos? Onde você colocaria sua igreja nesse espectro? Onde você se colocaria?
2. Reveja as estruturas e atividades da sua igreja. O que elas sugerem são as prioridades da sua igreja? Existe alguma incompatibilidade com as suas prioridades declaradas?
3. Reveja as necessidades da sua vizinhança local. Existem necessidades que a sua igreja pode satisfazer?
4. Os membros da sua igreja estão mobilizados para missões? O que a sua igreja poderia fazer a fim de preparar pessoas para missões? Existem coisas que ela deveria deixar de fazer a fim de liberar as pessoas para o envolvimento na comunidade?
5. Pense sobre a maneira como você fala de Cristo para os não cristãos. Você é propenso a ser muito estereotipado (“imutabilidade total”)? Ou você é relutante em falar clara e fielmente da morte e ressurreição de Cristo (“fluidez total”)?

6. De que modo as pessoas veem o Deus invisível em sua vida? E na vida da sua igreja?

CAPÍTULO 3

DIMENSÕES DA RENOVAÇÃO DA IGREJA

NOS ÚLTIMOS CEM ANOS, mais ou menos, a Igreja tem visto uma série de movimentos de renovação, cada um deles focalizando um aspecto específico da vida eclesial. Posso me lembrar de pelo menos seis desses movimentos.

Em primeiro lugar, no início do século 20, o movimento missionário recebeu ímpeto novo na Conferência Missionária Mundial de Edimburgo, em 1910. O movimento de crescimento da Igreja fundado por Donald McGavran e o Movimento de Lausanne, com seus congressos de evangelização mundial (Lausanne 1974, Manila 1989 e África do Sul 2010), deram esse estímulo posterior.

Em segundo lugar, houve o movimento da teologia bíblica cuja fundação foi apresentada pela ênfase de Karl Barth e Emil Brunner na “alteridade” de Deus e sua Palavra. Esse movimento floresceu entre 1945 e 1960, alimentado por estudiosos bíblicos como Gerhard von Rad (Antigo Testamento) e Oscar Cullmann (Novo Testamento), que enfatizavam a unidade interna da Escritura.

A seguir, o movimento ecumênico tomou forma com o surgimento do Conselho Mundial de Igrejas, em Amsterdã, em 1948, e enfatizou a necessidade de unir as igrejas em seu testemunho para o mundo.

Em quarto lugar, o movimento litúrgico pós-guerra, especialmente (embora não exclusivamente) na Igreja Católica Romana, objetivava

modernizar o culto da congregação. O Concílio Vaticano II deu a ele um maior impulso.

Em quinto lugar, o movimento carismático procurou incorporar a ênfase distinta das igrejas pentecostais a denominações tradicionais e se preocupava com a recuperação do poder espiritual e dons espirituais ao corpo de Cristo.

E, sexto, o movimento da justiça social, variando do aglomerado de teologias da libertação à recuperação da consciência social evangélica, procurou equilibrar as preocupações eternas e sobrenaturais da Igreja com suas responsabilidades temporais e mundanas.

Assim, missão, teologia, unidade, culto, poder e justiça são seis preocupações cristãs legítimas, cada uma das quais tendo reunido ao seu redor protagonistas devotos. Ainda assim, o resultado tem sido uma pauta insalubrememente fragmentada. O que nós precisamos é uma visão holística ou integrada de renovação em todas as dimensões da vida da Igreja.

A palavra católica romana para definir isso, pelo menos desde o Concílio Vaticano II (1963-1965), tem sido *aggiornamento*, o processo de atualizar a Igreja para que ela responda aos desafios do mundo moderno. O mundo está mudando rapidamente, e, se for para a Igreja sobreviver, ela deve acompanhar essa mudança, mas sem comprometer seus próprios padrões nem se conformar aos padrões do mundo.

Os protestantes usam um vocabulário diferente para descrever a contínua necessidade de restauração e renovação da Igreja. Nossas duas palavras favoritas são “reforma”, indicando o tipo de restauração de fé e vida de acordo com a Escritura que aconteceu no século 16, e “reavivamento”, indicando uma visitação sobrenatural de Deus em uma igreja ou comunidade, trazendo convicção, arrependimento, confissão, a conversão de pecadores e a recuperação de apóstatas. “Reforma” geralmente enfatiza o

poder da Palavra de Deus, e “reavivamento”, o poder do Espírito de Deus. Talvez nós devêssemos usar a palavra “renovação” para descrever um movimento que alie reavivamento pelo Espírito de Deus com reforma por sua Palavra. Uma vez que a Palavra é a espada do Espírito, algo parece estar errado quando contemplamos um sem o outro.

Para uma visão integrada dessa constante renovação, nada melhor do que refletirmos sobre a oração de Jesus pelo seu povo em João 17. Sem dúvida, esse é um dos capítulos mais profundos da Bíblia. Aqui há profundezas onde nós nunca penetraremos; tudo que podemos fazer é remar na parte rasa. Aqui há alturas que não podemos escalar; podemos subir apenas até o sopé.

No entanto, nós devemos perseverar. Pois, se o sermão do Cenáculo (João 13 a 17) é o templo da Escritura, João 17 é seu santuário íntimo, o Santo dos santos. Aqui nós somos introduzidos à presença, à mente e ao coração de Deus. Nós recebemos permissão para espiar como o Filho comunga com o Pai. Nós precisamos tirar nossos calçados, uma vez que estamos pisando em solo santo.

Jesus ora:

- Por si próprio, ao aproximar-se da hora da cruz (v. 1-5);
- Por seus apóstolos, a quem ele revelou o Pai e que estão reunidos ao seu redor enquanto ele ora (v. 6-19);
- Por toda a Igreja, presente e futura, constituída de todos aqueles que crerão nele por meio do ensino dos apóstolos (v. 20-26).

Nós nos concentraremos na segunda e terceira seções (v. 6-26).

A propósito, Jesus só começa sua oração por seu povo no final do versículo 11. Antes disso, nos versículos 6-11a ele descreve o povo por quem iria orar. É uma descrição bem detalhada e, embora refira-se principalmente

aos apóstolos, diz respeito a eles como discípulos comuns, e não em seu ministério apostólico distinto. A descrição contém três partes.

Primeiro, *eles pertencem a Cristo*. Por três vezes Jesus repete a verdade de que o Pai os “deu” a ele, do mundo (v. 6 e 9), de tal maneira que eles lhe pertencem.

Segundo, *eles conhecem o Pai*. Pois, se o Pai os deu ao Filho, o Filho deu a eles uma revelação do Pai. Isso também é repetido: “Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo” (v. 6). Mais adiante: “Eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam” (v. 8). É claro que essa revelação do nome de Deus, essa dádiva das palavras de Deus, foi feita em primeira instância aos apóstolos, mas a partir deles ela tem sido transmitida a todos os discípulos de Cristo.

Terceiro, *eles vivem no mundo*. “Já não estou no mundo”, diz Jesus, “mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti” (v. 11a). Embora eles tenham sido dados “do mundo” (v. 6) para Cristo, eles permanecem “no mundo” (v. 11a) de onde foram tirados. Eles precisam ser espiritualmente distintos, mas não socialmente segregados. Jesus os deixa para trás como seus representantes ou embaixadores.

Aqui, então, está a tripla caracterização que Jesus faz do seu povo, começando por seus apóstolos, mas incluindo todos os seus discípulos posteriores, até chegar a nós hoje. Primeiramente o Pai nos deu ao seu Filho. Em segundo lugar, o Filho nos revelou o Pai. Em terceiro, nós vivemos no mundo. É essa orientação tripla (ao Pai, ao Filho e ao mundo) que nos torna o povo “santo” que somos. Nós vivemos no mundo como um povo que conhece a Deus e pertence a Cristo e, portanto (está implícito), tem uma missão ímpar de torná-lo conhecido.

O que, então, Cristo ora por seu povo, a quem ele descreveu tão cuidadosamente? O peso da sua intercessão consiste em apenas duas

palavras, que são repetidas. “Pai santo, *guarda-os* [...] peço [...] que *os guardes* do mal” (v. 11b e 15). É uma oração para que o Pai santo nos mantenha como povo santo que somos, que ele nos proteja e nos guarde de toda e qualquer má influência que possa prejudicar a posição ímpar que ele nos deu. É uma oração para que possamos ser mantidos fiéis a quem somos, à essência da nossa identidade cristã, como povo que conhece a Deus, pertence a Cristo e vive no mundo.

Mais especificamente, Jesus ora para que seu povo tenha quatro características, a saber: verdade, santidade, missão e unidade.

VERDADE (V. 11-13)

Uma tradução literal do versículo 11b seria “Guarda-os em teu nome”, mas os comentaristas não chegaram a um acordo sobre como traduzir a preposição “em”. A NVI britânica traduz como “Protege-os pelo poder de teu nome”. Porém, o contexto parece exigir que o nome de Deus é não tanto o poder *pelo* qual, mas a esfera *na* qual os discípulos devem ser guardados. Penso, então, que a Bíblia de Jerusalém britânica está correta ao traduzir: “Guarda aqueles que tu me deste para que sejam fiéis a teu nome”. A revelação do nome de Deus foi “a parede delimitadora, por assim dizer, dentro da qual eles deveriam ser guardados”.¹ Pois o nome de Deus é o próprio Deus – quem ele é, seu ser e seu caráter. Isso o Pai revelou ao Filho, e o Filho, por sua vez, revelou aos apóstolos (v. 6). Durante seu ministério terreno, Jesus os guardou nesse nome (v. 12). Agora, contudo, ele está para deixar o mundo. Assim, ele ora para que o Pai os mantenha leais ao nome que ele lhes revelou “para que eles sejam um, assim como nós” (v. 11). O

meio principal para mantê-los unidos é sua lealdade à verdade de Deus revelada em e por meio de Cristo.

A verdade, assim, era o primeiro interesse que Jesus expressou em sua oração para sua Igreja. Ele falou de revelação, da manifestação do nome oculto de Deus por ele. Ele deixou claro seu anseio de que seu povo fosse leal a essa revelação e de que a unidade desse povo fosse fundamentada na fidelidade comum a ela. Em vez disso, temo que hoje alguns líderes de igrejas contemporâneas sejam culpados de séria infidelidade. Alguns são ousados o suficiente para negar os fundamentos da fé cristã histórica e da moralidade cristã tradicional, enquanto outros parecem tão inseguros de si mesmos e suas crenças quanto um adolescente tímido.

Não há a possibilidade de que a Igreja seja completamente renovada até que, e a menos que, ela seja renovada em seu compromisso com a verdade revelada de Deus em Jesus Cristo e em seu pleno testemunho bíblico. E não há possibilidade alguma de que a Igreja recupere sua unidade até que ela recupere a única base autêntica para a unidade, que é a verdade. Jesus orou primeiro pela verdade da Igreja; e nós devemos fazer o mesmo. Pois Deus deseja que sua Igreja seja “pilar e fundamento da verdade”.²

SANTIDADE (V. 14-16)

Jesus orou para que o Pai não apenas mantivesse seu povo fiel ao seu nome, mas também o guardasse “do mal” (v. 15). Isto é, ele desejava que eles fossem preservados do erro e mantidos na verdade, por um lado; e guardados do mal e mantidos em santidade, por outro lado. Paulo declararia mais tarde que o destino final da Igreja é ser apresentada a Cristo “como Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem qualquer outra coisa

semelhante, mas santa e sem defeito”.³ Porém a santidade da Igreja deve começar agora.

Então, o que significa “santidade”? Desde o princípio da história, a Igreja tem tido a tendência de ir para os extremos, como vimos no último capítulo. Algumas vezes, em sua correta determinação de ser santa, ela tem se afastado do mundo e perdido contato com ele. Outras vezes, em sua determinação igualmente correta de não perder contato, ela tem se conformado ao mundo e se tornado praticamente indistinguível dele. Mas a visão de Cristo para a santidade da Igreja não é afastamento nem conformidade.

O afastamento foi o modo dos fariseus. Ansiosos para aplicar a lei aos detalhes da vida cotidiana, eles tinham uma compreensão falsa de santidade, imaginando que o mero contato com o mal e pessoas más traria contaminação. E um tipo de farisaísmo ou separatismo cristão tem persistido na Igreja. Frequentemente ele é devido a uma aspiração apaixonada por santidade e a um zelo por preservar a cultura cristã da destruição pelo mundo ímpio. Esses motivos persuadiram os eremitas a fugirem para o deserto no quarto século e levaram ao desenvolvimento do monasticismo medieval. Mas, apesar de os motivos dos monges e eremitas frequentemente serem nobres, esse tipo de monasticismo que levou à retirada do mundo foi uma traição a Cristo. O mesmo acontece com esse tipo de piedade moderna que aprisiona cristãos em uma comunhão do tipo gueto, isolando-os dos não cristãos. Pois Jesus orou especificamente: embora ele quisesse que seus discípulos fossem protegidos do mal, ele não queria que eles fossem tirados do mundo (v. 15).

Se o “afastamento” foi o caminho dos fariseus, a “conformidade” foi o caminho dos saduceus. Pertencentes a famílias ricas e aristocráticas, eles colaboravam com os romanos e procuravam manter o *status quo* político.

Essa tradição comprometedora também persistiu na igreja primitiva e ainda sobrevive hoje.

O motivo para isso, repito, podia até ser bom, ou seja, a resolução de abolir as barreiras entre a Igreja e o mundo e de ser amigo de publicanos e pecadores, como Jesus foi.⁴ Mas ele também foi “separado dos pecadores”⁵ em seus valores e padrões.

Em lugar dessas duas posições extremas, Jesus nos chama para vivermos “no mundo” (v. 11) enquanto permanecemos “não [sendo] do mundo” (v. 14), ou seja, não pertencendo a ele, nem imitando seus caminhos. Essa é a “santa mundanidade” da Igreja que exploramos no capítulo anterior. Nós não devemos ceder nem optar por não participar. Em vez disso, precisamos continuar no mundo e permanecer firmes, como uma rocha na correnteza da montanha, como uma rosa desabrochando no meio do inverno, como um lírio crescendo no meio do esterco.

MISSÃO (V. 17-19)

Existem quinze referências ao “mundo” na oração de Jesus, o que indica que um dos seus principais interesses era como o seu povo se relacionaria com o mundo, isto é, com a sociedade não cristã ou o secularismo ímpio. Ele indicou que o seu povo havia sido dado a ele “do mundo” (v. 6), mas não devia ser tirado do mundo (v. 15); que eles ainda estavam vivendo no mundo (v. 11), mas não deviam ser do mundo (v. 14b); que eles seriam odiados pelo mundo (v. 14a), mas, mesmo assim, foram enviados ao mundo (v. 18). Este é o relacionamento multifacetado da Igreja com o mundo: viver nele, não pertencendo a ele, sendo odiada por ele e enviada a ele.

Talvez a melhor maneira de entender isso seja que, no lugar de “afastamento” e “conformidade”, que são atitudes erradas para com o mundo, a atitude correta é a “missão”. De fato, a missão da Igreja no mundo é possível apenas se ela evitar essas duas trilhas falsas. Se nós nos retirarmos do mundo, a missão será, claro, impossível, uma vez que perdemos contato com ele. Igualmente, se nós nos conformarmos ao mundo, a missão será impossível, já que perdemos nossa vanguarda.

É particularmente impressionante que, embora vivamos “no” mundo (v. 11), precisamos, ser enviados “ao” mundo (v. 18). Mas é isso o que acontece. É muito possível que o povo cristão viva no mundo sem ter participação alguma na missão de Cristo.

A oração de Cristo para o seu povo aqui é que o Pai nos “santifique” pela sua palavra da verdade (v. 17), ou melhor, que nós possamos ser “santificados na verdade” assim como Cristo, que se santificou a si mesmo por nós (v. 19). Que tipo de santificação é essa, devemos perguntar, se o próprio Cristo participou dela? Como o Cristo sem pecado pode ter santificado a si mesmo? A resposta certamente é que a santificação tem dois aspectos complementares, um negativo e um positivo. Ser santificado é ser separado *do* mal em todas as suas formas. Isso é o que normalmente pensamos quando a palavra “santificação” é usada. Mas ser santificado também é ser separado *para* o ministério particular para o qual Deus nos chamou. É nesse sentido que Jesus se separou a si mesmo por nós, ou seja, para vir ao mundo nos buscar e salvar. Nós também temos sido “santificados”, ou separados para a nossa missão no mundo. Na verdade, podemos ser descritos como “separados do mundo para servirmos ao mundo”.⁶

No versículo 18 (como em João 20.21), Jesus traça intencionalmente um paralelo entre sua missão e a nossa: “Assim como tu me enviaste ao mundo,

também eu os envie ao mundo”. Então, em que sentido Jesus pretendia que sua missão fosse modelo para a nossa? Existem diferenças substanciais, é claro. O fato de ele ser enviado ao mundo resultou na encarnação e na expiação, enquanto nós não somos Deus e não podemos nos “tornar carne” ou morrer pelos pecadores. Entretanto, o fato de sermos enviados ao mundo, assim como ele, irá modelar nossa compreensão de missão. Isso nos diz que fazer missão implica:

- Estar sob a autoridade de Cristo (nós somos enviados, não nos voluntariamos);
- Renunciar a privilégios, segurança, conforto e distanciamento, ao realmente entrarmos no mundo de outras pessoas, assim como ele entra no nosso;
- Humilhar-nos para nos tornarmos servos, tal como ele fez;⁷
- Suportar a dor de sermos odiados pelo mundo hostil ao qual somos enviados (v. 14);
- Compartilhar as boas novas com as pessoas, onde estiverem.

UNIDADE (V. 20-26)

Os olhos proféticos de Jesus agora observavam o futuro para além da era apostólica. Ele visualizou as gerações futuras dos discípulos que não o veriam nem ouviriam pessoalmente, como os apóstolos haviam feito, mas que viriam a crer nele por meio do ensino destes. “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra” (v. 20). Isso significa todo cristão de todos os tempos e lugares, inclusive nós. É possível que nós viemos a crer em Jesus por meio

do testemunho dos nossos pais, ou de um pastor, evangelista, professor ou amigo. Porém, o testemunho deles se trata de um testemunho secundário, uma confirmação da própria experiência deles a partir do testemunho original dos apóstolos. Os apóstolos foram as testemunhas oculares, especialmente escolhidos por Jesus para estar com ele, de tal forma que pudessem dar testemunho do que eles haviam visto e ouvido. Há apenas um Cristo verdadeiro, o Cristo do testemunho apostólico, agora preservado no Novo Testamento. Todos os cristãos, desde a era apostólica, vieram a crer em Jesus “por intermédio da sua mensagem”.

O que, então, Jesus deseja para todo o seu povo que crê através do mundo e dos séculos? Não há dúvida a respeito disso, pois ele o expressa três vezes:

- Versículo 21a: “A fim de que todos sejam um”;
- Versículo 22b: “Para que sejam um”;
- Versículo 23b: “A fim de que sejam aperfeiçoados na unidade”.

Esses são pedidos bem conhecidos. O que não se sabe ou compreende muito bem é a natureza da unidade pela qual Cristo orou. Ele enfatizou dois aspectos dela.

Primeiramente, ele orou para que seu povo desfrutasse de *unidade com os apóstolos*. Vejamos cuidadosamente o que está registrado nos versículos 20 e 21a: “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um”. Nós já vimos que Jesus faz distinção entre dois grupos de pessoas: “estes” (o pequeno grupo de apóstolos reunidos ao seu redor) e “aqueles” (a grande fraternidade de todos os cristãos subsequentes). Eles são os mestres e os ensinados. Ele então ora para que “todos”, que deve significar “estes” e “aqueles” juntos, “sejam um”. Em outras palavras, a oração de Jesus foi, em

primeiro lugar e mais importante, que houvesse uma continuidade histórica entre os apóstolos e a Igreja pós-apostólica. Ele ora para que a fé da Igreja não mude com o passar dos anos, mas permaneça reconhecidamente a mesma. Ele ora para que a Igreja de cada geração possa merecer a qualificação de “apostólica” por causa da sua lealdade à mensagem e missão dos apóstolos. A unidade cristã começa, então, como unidade com os apóstolos por intermédio do Novo Testamento, que torna o ensino deles disponível a nós. Sem isso, a unidade da Igreja não seria distintivamente cristã.

Em segundo lugar, Jesus orou para que seu povo desfrutasse de *unidade com o Pai e o Filho*. Embora a pontuação do versículo 21 seja controversa, a maioria das versões inglesas considera a segunda parte como o início de uma nova sentença. Nós podemos traduzir assim: “E como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, [eu oro para que] também sejam eles em nós; para que o mundo creia [...]”. As implicações desta petição são surpreendentes, pois Jesus ora para que a união do seu povo com Deus possa ser comparável à unidade do Pai e do Filho na Trindade. Ele continua no versículo 23: “Eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade”.

Assim, pois, a unidade cristã pela qual Cristo orou não era principalmente uma unidade de uns com os outros, mas unidade com os apóstolos (uma verdade comum) e unidade com o Pai e o Filho (uma vida comum). A unidade visível e estrutural da Igreja é um objetivo apropriado. Porém, ela será agradável a Deus somente se for a expressão visível de algo mais profundo, isto é, a unidade na verdade e na vida. Em nossa preocupação ecumênica, portanto, nada é mais importante do que a busca por uma verdade mais apostólica e uma vida mais devota por meio do Espírito Santo. Como disse William Temple, “o caminho para a união da cristandade não está nas salas de reuniões, embora exista ali uma tarefa de

formulação para ser feita. Está na união pessoal com o Senhor, tão profunda e real que possa ser comparável à sua união com o Pai”.⁸

É esse tipo de unidade (uma verdade e uma vida compartilhadas) que fará o mundo acreditar em Jesus (v. 21 e 23). Realmente, a principal razão pela qual Jesus ora pela unidade do seu povo é “a fim de que” o mundo possa crer na origem divina de Jesus e da sua missão. Ele ora para que todos os que no futuro “vierem a crer” nele (v. 20) possam desfrutar de tal unidade de verdade e vida para que o mundo também possa “crer” nele. Assim, a fé produz fé, e os cristãos se multiplicam.

Nos versículos finais da sua oração (v. 24-26), Jesus olha além da história, para a eternidade, pois é apenas no céu que a unidade do seu povo alcançará a perfeição. Eles verão sua glória (v. 24) e o resultado final da revelação que o Filho faz do Pai será que eles irão experimentar o mesmo amor que o Pai tem pelo Filho e o próprio Filho habitará neles (v. 26). Essa unidade final, compreendendo o Pai, o Filho e a Igreja em amor, certamente está além da nossa imaginação, mas não está além do nosso humilde e ardente desejo.

A oração de Jesus é, pois, muito mais abrangente do que geralmente se imagina. É uma oração pela verdade (“guarda-os em teu nome”), santidade (“que os guardes do mal”), missão (“santifica-os [...] eu os enviei ao mundo”) e unidade (“a fim de que todos sejam um”) da Igreja.

Uma das tragédias da Igreja contemporânea é sua tendência de pulverizar essa visão holística de Cristo e escolher um ou outro dos seus interesses em detrimento dos demais. Porém, como o arcebispo Michael Ramsey disse, “um movimento que se concentra na unidade como um conceito isolado pode induzir o mundo e nós mesmos ao erro, assim como o faria um movimento que teve o rótulo exclusivo de santidade ou o rótulo exclusivo de verdade”.

A principal preocupação da Igreja no século 20 era a busca pela unidade estrutural, mas frequentemente sem uma busca equivalente pela verdade e vida que constituem a verdadeira unidade e são os meios pelos quais ela cresce.

Outros têm se preocupado com a verdade (ortodoxia doutrinária), tornando-se algumas vezes secos, duros e desamorosos no processo, esquecendo que a verdade deve ser adornada com a beleza da santidade.

A santidade parece ser de importância fundamental para outros, isto é, o estado da vida interior da Igreja. Mas essas pessoas, às vezes, se recolhem a uma piedade egocêntrica, esquecendo-se de que nós fomos chamados do mundo para sermos enviados de volta a ele, que é a “missão”.

Assim, a missão se torna a obsessão de um quarto grupo. Mas, algumas vezes, eles se esquecem de que o mundo virá a crer em Jesus somente quando o seu povo for um em verdade, santidade e amor.

Verdade, santidade, missão e unidade estavam juntas na oração de Jesus e precisam ser mantidas juntas em nossa busca pela renovação da Igreja hoje. Acredito que podemos detectá-las na Igreja primitiva de Jerusalém, cheia do Espírito, uma vez que nos é dito em Atos 2.42 e 47 que os cristãos “perseveravam na doutrina dos apóstolos” (verdade), “e na comunhão” (unidade), “no partir do pão e nas orações” (adoração como expressão de sua santidade); “enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (missão). Para mim parece legítimo também ver as mesmas características nas quatro “observações” ou “marcas” tradicionais da Igreja, de acordo com o Credo Niceno, ou seja, “una, santa, católica e apostólica”. Pois o termo “católica” inclui o conceito de abranger toda a verdade, e “apostólica” inclui a visão de ser comprometida com a missão apostólica.

É importante que nós não separemos o que Deus ajuntou. Em vez disso, devemos procurar a renovação da Igreja em todas as quatro dimensões, simultaneamente, para que ela guarde fielmente a revelação que foi lhe confiada de uma vez por todas, torne-se santificada e unificada por essa verdade que ela preserva e saia ousadamente para o mundo em sua missão designada por Deus de testemunho e serviço.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Que diferença faz saber que os cristãos “pertencem a Cristo”, “conhecem o Pai” e “vivem no mundo” (Jo 17.6-11)? O que aconteceria se nós negligenciássemos uma dessas verdades?
2. O que significa ser enviado ao mundo como Jesus foi enviado ao mundo (Jo 17.18)?
3. Stott defende que a verdadeira unidade cristã é com os apóstolos (uma verdade comum) e unidade com o Pai e o Filho (uma vida comum). Assim, que passos práticos você poderia dar em busca de unidade?
4. Stott identifica quatro elementos para a renovação da Igreja: verdade, santidade, missão e unidade. Você consegue pensar em igrejas ou movimentos que enfocam um deles, porém negligenciam os outros?
5. Qual desses quatro elementos – verdade, santidade, missão e unidade – é o mais forte em sua igreja? Agradeça a Deus por sua obra entre vocês.
6. Qual desses quatro elementos – verdade, santidade, missão e unidade – é o mais fraco em sua igreja? Que passos você pode dar para buscar renovação nessa área?

CAPÍTULO 4

OS PASTORES DA IGREJA

SERIA DIFÍCIL pensar na vida, missão e renovação da Igreja sem pensar em seus ministros ordenados. Pois é claro no Novo Testamento que Deus sempre teve em mente que sua Igreja tivesse alguma forma de supervisão pastoral. Além do mais, a condição da Igreja em todo lugar depende, em grande medida, da qualidade da ministração que ela recebe. Como Richard Baxter singularmente disse, “se Deus reformasse apenas o ministério, e os fizesse [os ministros] cumprir seus deveres com zelo e fidelidade, o povo certamente seria reformado. Todas as igrejas prosperam ou caem conforme os seus ministros prosperam ou caem, não em riquezas ou grandeza terrena, mas em conhecimento, zelo e habilidade para o seu trabalho”.¹

Porém, existe uma grande confusão hoje em dia a respeito da natureza e função dos ministros ordenados. Eles são sacerdotes, profetas, pastores, pregadores ou psicoterapeutas? Eles são administradores, facilitadores ou assistentes sociais? A peça premiada de David Hare *Racing Demon* retrata uma equipe do clero anglicano no sul de Londres. Cada um tem uma percepção diferente sobre o propósito do ministério ordenado. Para Lionel Espy, o gentil e ineficaz pároco, “nosso trabalho é, principalmente, aprender. Com pessoas comuns e trabalhadoras. Nós devemos tentar entendê-las e servi-las”.² “Na maior parte das vezes, na verdade, é apenas ouvir a ira” e absorvê-la como um saco de pancadas.³ Em completo contraste, o jovem vigário carismático Tony Ferris é assustadoramente autoconfiante. “Eu tenho esse poder extraordinário”, afirma ele, que o capacita a “espalhar confiança”

ao seu redor, mas ele o faz às custas de outras pessoas.⁴ Os outros personagens são mais modestos em suas expectativas. O bispo diocesano enfatiza a administração da Santa Comunhão: “Finalmente, é para isso que estamos aqui. Como sacerdotes, temos apenas uma tarefa. Montar um espetáculo”.⁵ Seu sufragâneo, o diplomata episcopal por excelência, vê o cerne do seu trabalho como “evitar que problemas se tornem problemas maiores”.⁶ Para Donald Bacon (“Streaky”), que canta tenor, se embebede e se descreve como “um sacerdote alegre”, não há complicações. “Tudo é tão claro. Ele está aí. Na felicidade das pessoas.”⁷ Harry Henderson, o clérigo homossexual, é um pouco mais ambicioso. “Há pessoas como são. E há pessoas como poderiam ser. O trabalho do sacerdote é tentar colocar os dois um pouco mais próximos.”⁸ Enquanto isso, a jovem e sincera agnóstica Frances Parnell vê o ministério ordenado como o “desperdício de um ser humano [...] sempre a sonhar”.⁹

Algumas pessoas, vendo o clero marginalizado pela sociedade secular e alegrando-se na visão de Paulo sobre o ministério de todo cristão, questionam se os ministros ordenados ainda são necessários e sugerem que a Igreja estaria em melhores condições sem eles. Outros reagem na direção oposta. Seja por motivos teológicos ou pragmáticos, eles colocam os pastores em um pedestal, ou aquiescem quando eles próprios são colocados lá. E, aí, quando as rédeas do ministério estão inteiramente em suas mãos, as consequências quase inevitáveis são o colapso ministerial ou a frustração dos leigos, ou ambas as coisas.

Em toda a sua longa história, a Igreja tem oscilado entre estes dois extremos: clericalismo (domínio do clero sobre os leigos) e anticlericalismo (desdém dos leigos pelo clero). Entretanto, o Novo Testamento nos adverte contra ambas as tendências. Aos coríntios que desenvolveram um culto a personalidades de líderes, Paulo exclamou: “O que vocês pensam que somos,

para nos tratarem com tanta deferência? Somos apenas servos, por meio de quem Deus agiu para lhes trazer a fé”.¹⁰ A outros, porém, que tratavam seus líderes com desprezo, Paulo escreveu que eles os deviam “[acatar] com apreço” e “[ter] com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam”.¹¹ E acrescentou: “Fiel é a palavra: Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja”.¹² Ou: “Se alguém deseja ser bispo, deseja uma nobre função” (NVI).

Qual é, portanto, a natureza e função do ministério ordenado? Em geral, as igrejas têm dado duas respostas, dependendo se veem o ministério como direcionado principalmente a Deus ou à Igreja. Por um lado, há o modelo sacerdotal, no qual o ministério é exercido a Deus em favor do povo. Por outro lado, há o modelo pastoral, no qual o ministério é exercido ao povo em favor de Deus.

O MODELO SACERDOTAL

A Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa veem seu clero como sacerdotes, especialmente em relação ao papel deles na eucaristia. A Igreja Luterana e a Igreja Anglicana também têm chamado seu clero de “sacerdotes”, mas por uma razão diferente. No Concílio de Trento a Igreja Católica Romana afirmou que na missa um sacrifício verdadeiro e propiciatório é oferecido a Deus, e que o sacerdote humano que o oferece representa o Cristo que oferece a si mesmo.¹³ A essência desse ensino foi endossada no Concílio Vaticano II, que disse que os sacerdotes recebem “poder da Ordem sagrada para oferecer sacrifício”.¹⁴ “Eles sacramentalmente oferecem o Sacrifício de Cristo de uma maneira especial quando celebram a missa.”¹⁵ É verdade que eles são considerados

representantes do povo de Deus, bem como representantes de Cristo, quando fazem isso. Mas o coração do seu sacerdócio ainda é concebido como o oferecimento do sacrifício eucarístico.

Os cristãos protestantes, que colocam a autoridade da Escritura acima das tradições da Igreja, não podem aceitar isso. Pois permanece o fato de que o Novo Testamento nunca chama os líderes cristãos de “sacerdotes” e nunca se refere à eucaristia como um sacrifício. A palavra grega para um sacerdote que sacrifica (*hiereus*) ocorre muitas vezes no Novo Testamento. Existe só uma referência a um sacerdote pagão¹⁶ e várias referências aos sacerdotes judeus. A palavra é aplicada também ao Senhor Jesus, nosso grande sumo sacerdote, que se ofereceu de uma vez por todas como um sacrifício pelos pecados.¹⁷ Ela é usada também para os crentes cristãos, que são “sacerdotes de Deus”.¹⁸ Esse é “o sacerdócio de todos os crentes”, sobre o qual os reformadores colocaram tanta ênfase. Coletivamente, nós somos um “sacerdócio” real e santo, que oferece “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo”.¹⁹ Se perguntarmos que sacrifícios são esses, eles todos virão sob a categoria geral de adoração da Igreja. Eles incluem nossos corpos,²⁰ nossa oração, louvor e arrependimento,²¹ nossos dons e boas obras,²² nossa vida colocada a serviço de Deus²³ e nosso evangelismo, por meio do qual apresentamos nossos convertidos como “uma oferta aceitável a Deus”.²⁴ Esses oito sacrifícios são oferecidos a Deus por toda a Igreja em sua qualidade de sacerdócio santo. Mas nenhuma vez a linguagem ou figura do sacerdócio é usada para um grupo específico de líderes cristãos que possam corresponder aos sacerdotes da antiga aliança.

Quando nos lembramos de que o sacerdócio levítico tinha, por séculos, sido central para a vida de Israel, e ainda o era no judaísmo palestino dos dias de Jesus, o fato de os líderes cristãos nunca serem comparados a

sacerdotes deve ter sido proposital. Charles Hodge, o teólogo do século 19, disse:

Todo título de honra é colocado luxuosamente sobre eles [ou seja, ministros cristãos]. Eles são chamados de bispos de almas, pastores, mestres, líderes, governantes, servos ou ministros de Deus; mordomos dos mistérios divinos; sentinelas, arautos, mas nunca de sacerdotes. Como os escritores sagrados eram judeus, a quem nada era mais familiar do que a palavra sacerdote, cujos ministros da religião eram constantemente assim denominados, o fato de que eles nunca usaram, nem uma só vez, essa palavra, ou qualquer dos seus cognatos, em referência aos ministros do evangelho [...] é, no mínimo, um milagre. É um daqueles casos nos quais o silêncio da Escritura fala muito alto.²⁵

Algumas igrejas reformadas, inclusive a Igreja da Inglaterra, mantiveram a palavra “sacerdote” porque a palavra inglesa “sacerdote” vem da palavra “presbítero”. Portanto, traduziu-se a palavra “presbítero” (*presbyteros*), e não a palavra “sacerdote” (*hiereus*). A palavra “sacerdote” foi usada porque “presbítero” não era uma palavra em uso no inglês comum. Ao mesmo tempo, há evidência de que os reformadores teriam preferido a palavra inequívoca “presbítero”.²⁶ Por exemplo, João Calvino reclamou nas *Institutas* que os bispos romanos criaram “não presbíteros para liderar e alimentar o povo, mas sacerdotes para realizar sacrifícios”.²⁷ Na Inglaterra, Richard Hooker, respondendo aos puritanos que criticavam o uso da palavra “sacerdote” no Livro de Oração Comum, expressou uma preferência pela palavra “presbítero”, uma vez que “na verdade a palavra ‘presbítero’ realmente parece mais adequada, e, no decoro do discurso, mais aceitável do que a palavra ‘sacerdote’, mais de acordo com o evangelho de Jesus Cristo”.²⁸

Hoje poucas pessoas sabem que “sacerdote” é uma contração de “presbítero”, e pouquíssimas são capazes de realizar a ginástica mental de dizer uma coisa (sacerdote) pensando em outra (presbítero). Portanto, seria melhor tanto por clareza teológica quanto por fidelidade bíblica excluir definitivamente a palavra “sacerdote” do nosso vocabulário. Nós poderíamos então seguir a sabedoria das igrejas unidas do sul da Índia, norte da Índia e Paquistão e nos referirmos a esses três grupos de ministros ordenados como “bispos, presbíteros e diáconos”.

Nós precisamos definir a essência do “sacerdócio” (de acordo com a Escritura) e nos lembrar de que os sacerdotes do Antigo Testamento também eram pastores. Eles exerciam uma função dupla. Por um lado, como *sacerdotes*, eles tinham um ministério *voltado para Deus*: “Porque todo sumo sacerdote, sendo tomado dentre os homens, é constituído nas coisas concernentes a Deus, a favor dos homens”.²⁹ Nessa função, era privilégio deles se aproximar ou chegar perto de Deus,³⁰ oferecer sacrifícios³¹ e fazer intercessão.³² Por outro lado, como *pastores*, eles tinham um ministério *voltado para o povo*. Nessa função, eles cuidavam do bem-estar do povo; ensinavam-lhes a lei;³³ abençoavam o povo, isto é, pediam ou pronunciavam a bênção de Deus sobre ele;³⁴ e agiam como juízes e tomavam decisões.³⁵

Desde a cruz, não se podem mais oferecer sacrifícios por pecados. E, assim, os privilégios direcionados a Deus remanescentes do sacerdócio têm, por intermédio da obra de Cristo, sido herdados por todo o povo de Deus. *Todos* nós podemos nos aproximar de Deus,³⁶ e ter “intrepidez para entrar no Santo dos santos, pelo sangue de Jesus”.³⁷ *Todos* nós somos convidados a oferecer “sacrifícios espirituais” no nosso culto.³⁸ E *todos* nós devemos orar uns pelos outros. Nenhum desses ministérios pertence, como pertenciam nos dias do Antigo Testamento, a uma casta privilegiada, ou seja, ao clero em distinção dos leigos. Embora esse ministério de intercessão possa ser

uma responsabilidade especial do clero,³⁹ ele não pode ser reivindicado como um trabalho distintivamente “sacerdotal” e restrito aos ministros.

Nos dias do Antigo Testamento os sacerdotes e os profetas complementavam-se uns aos outros. Ambos os ministérios eram representativos, mas em direções opostas. Os sacerdotes representavam o povo de Deus, especialmente no oferecimento de sacrifícios; os profetas eram porta-vozes de Deus para o povo, especialmente proferindo oráculos. Mas, na nova aliança, esse duplo ministério de mediação agora é exercido somente por Jesus Cristo. É por intermédio de Cristo que nós chegamos a Deus; e é por meio de Cristo que Deus fala conosco. Ele é o único sacerdote por meio de quem temos acesso a Deus, e o único profeta por meio de quem desfrutamos do conhecimento de Deus. Os mediadores humanos não são mais necessários.

Assim também é o ministério pastoral dos sacerdotes do Antigo Testamento, sua responsabilidade de cuidar do bem-estar espiritual do povo de Deus e, principalmente, sua função de ensinar, a qual foi delegada, nos dias do Novo Testamento, ao clero. Visto que os sacerdotes eram pastores no Antigo Testamento, suponho que os pastores poderiam ser chamados de “sacerdotes” no Novo Testamento. Mas os deveres pastorais nada têm de distintivamente sacerdotal (exceto, talvez, a intercessão). E, de fato, como já vimos, nem Jesus nem seus apóstolos jamais se referiram aos líderes pastorais como sacerdotes.

Mas Deus quer que sua Igreja tenha pastores. É verdade que as responsabilidades pastorais de cuidar e ensinar pertencem, até certo ponto, a todo o povo de Deus, uma vez que nós somos chamados a “instruir-nos e aconselhar-nos mutuamente” e a “levar as cargas uns dos outros”.⁴⁰ No entanto, o Novo Testamento considera que cada igreja terá um grupo de

presbíteros cuja tarefa principal é pastorear o rebanho de Deus, especialmente alimentando-o, ou seja, ensinando-o.⁴¹

O MODELO PASTORAL

Uma vez que “pastor” significa “pastor de ovelhas”, e a ilustração vem de um contexto rural estranho às comunidades urbanas, algumas vezes sugere-se que nós precisamos encontrar um termo mais apropriado para os líderes da igreja. Os moradores de apartamentos urbanos, empoleirados nos parapeitos dos seus penhascos perpendiculares de vidro e concreto, conhecem pouco sobre ovelhas e pastores. Ainda assim, duvido que a maioria de nós esteja pronta para descartar a imagem que Jesus Cristo traçou de si mesmo como o “bom pastor” que veio buscar e salvar as ovelhas perdidas. E provavelmente não deixaremos de cantar os hinos populares que integram essa imagem, tais como “O Senhor é o meu Pastor, nada me faltará” e “Meu bom pastor é Cristo”.

É-nos dito que Jesus se compadeceu quando viu as multidões, “porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor”.⁴² Ovelhas sem pastor ainda hoje devem causar-lhe angústia e preocupação. Afinal, ele mesmo é o pastor delas. Mas ele delega um pouco de sua responsabilidade a subpastores.⁴³ “Pastores e mestres” ainda estão entre os dons com os quais ele enriquece sua Igreja.⁴⁴ Realmente, todo ministério cristão é derivado de Cristo. Seu ministério é o protótipo. Ele é o verdadeiro servo, que “não veio para ser servido, mas para servir”.⁴⁵ E agora ele nos chama para segui-lo no caminho do serviço.⁴⁶

Jesus se denominou “o bom pastor”.⁴⁷ Em outras partes do Novo Testamento ele é chamado de “o Supremo Pastor”, “o grande Pastor das

ovelhas” e “Pastor e Bispo da vossa alma”.⁴⁸ Se, então, pastores são subpastores, nós seremos sábios em imitar os passos do bom, do grande, do supremo pastor. Pois ele ensinou e exemplificou todos os princípios fundamentais do ministério pastoral. O bom pastor, que modela seu ministério pelo do Bom Pastor, tem pelo menos sete características.

Primeiramente, o bom pastor *conhece* as suas ovelhas. Ele “chama pelo nome as suas próprias ovelhas [...] Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai”.⁴⁹ O antigo pastor de ovelhas do Oriente Médio era muito diferente dos pastores modernos em outras partes do mundo. Devido ao fato de as ovelhas ocidentais serem criadas principalmente para abate, a vida delas é breve e sem relacionamento pessoal com o fazendeiro criador de ovelhas. Contudo, na Palestina as ovelhas eram criadas para produzir lã, e assim o pastor as mantinha sob seu cuidado por muitos anos. Como resultado disso, um relacionamento de confiança e intimidade se desenvolvia entre eles. O pastor de ovelhas até conhecia e chamava cada uma delas pelo nome.

Certamente esse era o relacionamento entre Jesus e seus discípulos. Ele conhecia seu rebanho pessoalmente. Assim como no Antigo Testamento *Yahweh* chamava Abraão, Moisés, Samuel e outros pelo nome, assim também Jesus conhecia e chamava as pessoas individualmente. Quando ele viu Natanael aproximando-se e lhe disse: “Eis um verdadeiro israelita em quem não há dolo”, Natanael perguntou-lhe com espanto: “Donde me conheces?”.⁵⁰ Jesus continuou e chamou Zaqueu pelo nome para descer do sicômoro onde estava escondido. Depois da ascensão, Jesus chamou Saulo de Tarso pelo nome na estrada de Damasco.⁵¹ E, embora em nossa própria conversão não tenhamos ouvido nenhuma voz audível, nós também podemos dizer que ele nos chamou pessoalmente.

Dessa maneira, talvez a primeira e mais básica característica dos subpastores de Cristo seja o relacionamento pessoal que se deve desenvolver entre o pastor e as pessoas. Elas não são nossos clientes, eleitores, pacientes ou fregueses. Menos ainda, elas não são nomes numa caixa registradora nem, pior ainda, números em um banco de dados. Em vez disso, são pessoas individuais, a quem nós conhecemos e que nos conhecem. Mais ainda, cada uma delas tem um nome “próprio”, um símbolo de sua identidade única, e pastores genuínos fazem o esforço de se lembrarem dos seus nomes. Muitos anos atrás eu tinha dificuldade de me lembrar dos nomes de duas senhoras idosas que vinham juntas à igreja todo domingo. Por conseguinte, o melhor que eu podia fazer era saudá-las como “vocês duas”. Assim, quando as senhoras em questão começaram a assinar “U2”, você pode imaginar meu constrangimento. “Saúda os amigos, nome por nome”, escreveu João.⁵²

A melhor maneira de lembrar os nomes das pessoas é escrevê-los e orar por elas. Quando Paulo disse aos tessalonicenses: "Sempre damos graças a Deus por todos vocês, mencionando-os em nossas orações,"⁵³ parece que ele tinha algum tipo de lista. Sem dúvida, é como se a menção regular dos nomes das pessoas em oração – com mais certeza e rapidez do que de outro modo – os fixasse em nossa mente e memória. Esquecer o nome de alguém é, provavelmente, um sinal da nossa falta de oração como pastores.

Jesus também indicou que esse relacionamento com seu povo seria recíproco (“conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim”⁵⁴) e, ao mesmo tempo, íntimo (assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai”⁵⁵). Havia algo transparentemente franco e sincero sobre Jesus. Ele nada tinha a esconder. Era uma marca da sua verdadeira amizade, disse ele, que ele se fazia conhecido aos seus discípulos.⁵⁶ É claro que isso não significa que os pastores precisem revelar todos os seus segredos à congregação. Mas eles devem pelo menos estar dispostos a dar o trabalhoso e humilhante

passo de renunciarem a um pouco de sua privacidade e de serem conhecidos como frágeis e vulneráveis como qualquer outra pessoa.

Em segundo lugar, o bom pastor *serve* ao seu rebanho. “Eu sou o bom pastor”, disse Jesus. “O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.”⁵⁷ Pois Jesus se dedica ao bem-estar delas, e toda a sua vida é dominada pelas necessidades delas. A principal queixa de Deus contra os líderes de Israel era esta: “Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas?”⁵⁸ Agora, as ovelhas não são animais particularmente agradáveis. Nós alimentamos uma imagem muito romântica das ovelhas, como sendo peludas e fofas. Mas as ovelhas reais não têm muito interesse por sua limpeza e são afligidas por uma variedade de pragas nojentas. Daí a necessidade de mergulhá-las várias vezes por ano em soluções químicas potentes. Elas também têm a reputação de serem estúpidas. Dessa forma, existe muito trabalho sujo e braçal no pastorado, que inclui fortalecer as ovelhas fracas, curar as doentes, enfaixar as machucadas e trazer de volta as ovelhas perdidas.⁵⁹

O próprio Jesus deu a vida por suas ovelhas. Ele não era contratado para fazer seu trabalho por dinheiro. Ele se importava com elas genuinamente, sacrificando-se a si mesmo para servir aos outros. Os pastores precisam desse amor sacrificial, servil, em seus ministérios hoje. Pois, assim como as ovelhas, os seres humanos muitas vezes podem ser “perversos e tolos”. Alguns podem também ser exigentes e ingratos, sendo-nos difícil amá-los. Mas, então, nós devemos nos lembrar de que eles são rebanho de Deus, comprados com o sangue de Cristo e confiados pelo Espírito Santo ao nosso cuidado.⁶⁰ E, se as três pessoas da Trindade estão comprometidas com o bem-estar das pessoas, então certamente também devemos estar. Precisamos ouvir as palavras de Cristo para nós como Richard Baxter as imaginou: “Eu morri por elas, e tu não cuidarás delas? Elas foram dignas do meu sangue,

por que não seriam dignas do teu trabalho? [...] Eu fiz e sofri tanto pela salvação delas, e estava disposto a fazer de ti um colaborador, e tu recusarás o pouco que foi colocado em tuas mãos?”.⁶¹

Em terceiro lugar, o bom pastor *guia* o seu rebanho. Aqui está outra diferença entre os pastores ocidentais e os orientais. No Ocidente, os pastores raramente guiam suas ovelhas, se é que alguma vez o fazem; eles as guiam por trás com o uso de cães pastores. Contudo, por causa do relacionamento íntimo do pastor palestino com suas ovelhas, ele pode andar na frente delas, chamá-las, e elas o acompanham. Chua Wee Hian, ex-secretário-geral da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos, conta a história de um guia árabe explicando essa tradição a alguns turistas, quando estes “identificaram um homem à distância dirigindo um pequeno rebanho de ovelhas com uma vara bem ameaçadora”. Então o guia estava enganado? “Ele imediatamente parou o ônibus e saiu correndo pelo campo. Poucos minutos depois, retornou com o rosto radiante. Ele anunciou: ‘Acabei de falar com o homem. Senhoras e senhores, ele não é o pastor. Ele, na verdade, é o açougueiro!’”⁶²

O relacionamento de Israel com *Yahweh*, e especialmente a passagem do povo pelo deserto, é comparado com o movimento das ovelhas que seguem seu pastor: “Dá ouvidos, ó pastor de Israel, tu que conduzes a José como um rebanho”.⁶³ O israelita piedoso pensava a respeito de *Yahweh* da mesma maneira: “O Senhor é o meu pastor; nada me faltará [...] leva-me para junto das águas de descanso”.⁶⁴ Assim, Jesus, o Bom Pastor, assumiu e desenvolveu essa mesma imagem: “As ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora. Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz”.⁶⁵ A reciprocidade é clara. Se o bom pastor conhece as ovelhas pelo nome, elas, por sua vez, vêm a conhecer sua voz. Os ouvidos dos cristãos

estão sintonizados com a voz de Cristo. Nós desenvolvemos uma certa sensibilidade para com sua mente e vontade. Aos poucos passamos a conhecer instintivamente o que lhe agradaria ou desagradaria. E assim nós o seguimos por onde ele nos guia e por onde ele nos chama.

Algo semelhante acontece com os pastores cristãos. É nossa responsabilidade solene guiar as pessoas de modo que seja seguro para elas seguirem a nós. Isto é, nós precisamos estabelecer para elas um exemplo consistente e confiável. Jesus introduziu no mundo um novo estilo de liderança, ou seja, liderança pelo serviço e pelo exemplo, e não pela força. O apóstolo Pedro disse: “Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados [...], não como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho”.⁶⁶ Com efeito, por bem ou por mal, gostemos ou não, as pessoas nos seguirão. É amedrontador pensar em como muitas ovelhas não possuem discernimento. É por essa razão que é essencial liderá-las bem, ser um bom exemplo, sem deixar lacuna entre nossa pregação e nossa prática, para que não sejam desviadas do caminho por nossa causa.

Em quarto lugar, o bom pastor *alimenta* o seu rebanho. “Eu sou a porta”, disse Jesus. “Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem.”⁶⁷ A principal preocupação dos pastores sempre é que suas ovelhas tenham o suficiente para comer. Quer sejam criadas para fornecer lã ou para fornecer carne, sua saúde depende de pastagem nutritiva. Desse modo, o próprio Jesus, como o Bom Pastor, foi mestre por excelência. Ele alimentou seus discípulos com o bom alimento da sua instrução.

Os pastores atuais têm essa mesma responsabilidade primordial. O ministro ordenado é essencialmente um ministro da Palavra, com os sacramentos compreendidos como “palavras visíveis” (como Agostinho os chamava), dramatizando as promessas do evangelho. O pastor é,

principalmente, um mestre. Essa é a razão pela qual o presbítero deve ser “apto para ensinar”⁶⁸ e deve ser “apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem”.⁶⁹ O pastor deve ser leal ao ensino apostólico e ter o dom de ensiná-lo. Quer esteja ensinando a uma multidão ou a uma congregação, a um grupo ou a um só indivíduo, o que distingue seu trabalho pastoral é que este é sempre um ministério da Palavra.

Seja nas igrejas cansadas do Ocidente ou nas igrejas vibrantes de muitos países em desenvolvimento, nada é mais necessário hoje do que uma exposição fiel e sistemática da Escritura no púlpito. “Tu me amas?”, Jesus perguntou a Pedro. Então, “apascenta as minhas ovelhas”.⁷⁰ Várias igrejas estão passando fome por falta do “alimento sólido”⁷¹ da Palavra de Deus. O objetivo máximo do nosso ministério pastoral é que “apresentemos todo homem perfeito em Cristo”⁷² e o “aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço” (ou melhor, “para a sua obra ministerial”).⁷³ Seria difícil imaginar uma ambição mais nobre do que, por meio do nosso ministério de ensino, guiar o povo de Deus à maturidade e ao ministério.

Como, então, os pastores alimentam suas ovelhas? Estritamente falando, eles não as alimentam de forma alguma. É verdade que, se uma ovelha recém-nascida estiver doente, o pastor pode tomá-la nos braços e alimentá-la com mamadeira. Mas normalmente o hábito do pastor é levar seu rebanho até “bons pastos” ou “boa pastagem”,⁷⁴ onde elas possam se alimentar. Penso que não é rebuscado ver nisso uma parábola de sólida educação pastoral. A alimentação pela colher ou por mamadeira é coisa para bebês em Cristo. Somente a alimentação nas pastagens os levará à maturidade em Cristo. Ao abrir as Escrituras, o pregador convida as pessoas

a entrar nelas, para que elas mesmas possam se alimentar de sua rica pastagem.

Em quinto lugar, o bom pastor *governa* as suas ovelhas, aceitando que ele tem certa autoridade sobre elas. Eu sou tentado a omitir essa dimensão, mas fazê-lo seria falta de integridade. O bispo Lesslie Newbigin está certo em queixar-se de que “a figura do bom pastor tem sido sentimentalizada”.⁷⁵ No grego clássico o rei era conhecido como o “pastor” do seu povo, e essa analogia do rei-pastor ocorre frequentemente no Antigo Testamento. Por exemplo, o povo lembrou a Davi de como Deus lhe havia dito: “Tu apascentarás o meu povo de Israel e serás chefe sobre Israel”.⁷⁶ Isso não significa que os pastores devam ser autocratas. No entanto, juntamente com a ênfase do Novo Testamento no serviço humilde dos presbíteros, também há alusões ao seu papel de liderança, ao fato de “presidirem” uma igreja local “no Senhor”.⁷⁷ As igrejas precisam “obedecer-lhes” e “ser submissas a eles”,⁷⁸ embora sua autoridade deva ser exercida por meio do seu ministério da Palavra e do seu exemplo.⁷⁹ E muitas passagens do Novo Testamento esclarecem que, se a disciplina tem de ser exercida, ela será feita por intermédio da igreja local coletivamente, e não por meio de um único pastor.⁸⁰

Em sexto lugar, o bom pastor *guarda* as suas ovelhas. O principal inimigo das ovelhas na antiga Palestina era o lobo; o rebanho era indefeso contra ele. Se o pastor fosse apenas um mercenário, ele veria o lobo vindo e abandonaria as ovelhas. Ele fugiria, deixando que o lobo atacasse e dispersasse o rebanho.⁸¹ Somente um bom pastor arriscaria sua própria vida para defender seu rebanho.

Não há dificuldade em interpretar a alegoria de Jesus. “Acautelai-vos dos falsos profetas”, ele disse em outro lugar. Eles “se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores”.⁸² Se as ovelhas são o

povo de Deus e os pastores de ovelhas são seus fiéis pastores, então os lobos são os falsos mestres e os mercenários são pastores infiéis que nada fazem para proteger o povo de Deus do erro. Infelizmente, ainda hoje há lobos no rebanho de Cristo, enganadores que negam alguns dos fundamentos da fé cristã histórica. Verdadeiros pastores não se comportarão como mercenários, fugindo. Eles enfrentarão os lobos. Será uma tarefa dispendiosa. Pois pastores de ovelhas não podem afugentar os lobos gritando com eles ou gesticulando os braços. Eles precisam se atracar com eles, como o jovem Davi fez com o leão e com o urso.⁸³ Da mesma maneira, os pastores precisam aceitar a dor e o perigo do combate frontal com os falsos mestres. Denúncias vagas não bastarão. Em vez disso, precisamos estudar a literatura deles, ouvir seus ensinamentos e trabalhar arduamente com as questões que eles levantam a fim de contestar com eficiência seus argumentos em nosso ensino.

Apesar de ser um ministério arriscado, também é necessário e misericordioso. Nós nunca devemos apreciar a controvérsia. Sempre será um dever desagradável. A única razão pela qual nos envolvemos nele é a nossa compaixão pelas ovelhas. O mercenário foge porque “não tem cuidado com as ovelhas”.⁸⁴ É somente porque um bom pastor se importa, e se importa profundamente, com o bem-estar do povo a quem ele serve que ele enfrentará o erro na igreja. Ovelha sem pastor é presa fácil para os lobos. É necessário dizer do rebanho de Deus hoje que “se espalharam, por não haver pastor, e se tornaram pasto para todas as feras do campo”?⁸⁵ Não se nos importarmos o suficiente para “guardar o nosso rebanho”. Às vezes se diz que devemos sempre ser positivos em nosso ensino, nunca negativos. Mas isso não é verdade. O próprio Jesus denunciou os falsos mestres. E o dever do pastor não é apenas ensinar “a sã doutrina”, mas também

“convencer os que [a] contradizem”.⁸⁶ Alimentar o rebanho e enxotar os lobos não podem ser tarefas separadas.

Em sétimo lugar, o bom pastor *busca* o seu rebanho. “Ainda tenho outras ovelhas”, disse Jesus, “não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor”.⁸⁷ É claro que, com a expressão “outras ovelhas”, Jesus estava referindo-se aos gentios de fora. Porém, ele disse também “tenho” e “a mim me convém conduzi-las”. Nós precisamos desse mesmo tipo de segurança em nosso evangelismo. Onde quer que vivamos ou trabalhemos, podemos ter certeza de que ali estão algumas das “outras ovelhas” de Cristo, que elas já lhe pertencem no propósito de Deus e que ele está determinado a trazê-las para si.

Esse alcance do povo que está alienado e perdido é uma parte essencial do ministério dos pastores, mesmo que pertença ainda mais a membros leigos da igreja que vivem e trabalham entre os de fora. É verdade que costumamos distinguir entre “evangelistas”, que buscam as ovelhas perdidas, e “pastores”, que nutrem aquelas que foram encontradas. Entretanto, seus ministérios se sobrepõem. Se Jesus, o Bom Pastor, não apenas alimenta as ovelhas que estão no rebanho, mas também busca aquelas que estão fora,⁸⁸ seus subpastores que o substituem devem fazer o mesmo. Se nos esquivarmos dessa responsabilidade, Deus novamente se queixará: “As minhas ovelhas andam espalhadas por toda a terra, sem haver quem as procure ou quem as busque”.⁸⁹ O próprio Jesus nos dirá: “Eu descí do céu à terra, para buscar e salvar o que estava perdido, e tu não queres ir ao teu vizinho, ou rua, ou vila mais próxima para buscá-los?”.⁹⁰ Por outro lado, se sairmos para buscar as pessoas, então compartilharemos do regozijo celestial “por um pecador que se arrepende”.⁹¹

Eis aqui, então, a bela imagem do ministério pastoral que Jesus pintou. Onde quer que haja ovelhas, sejam elas perdidas ou achadas, há a

necessidade de pastores para procurá-las e pastoreá-las. Seguindo o exemplo do próprio Bom Pastor, os pastores humanos irão esforçar-se para conhecer e servir, guiar, alimentar e governar as ovelhas do rebanho de Cristo, guardá-las dos lobos roubadores e buscá-las quando se extraviarem. E, então, mesmo que tenham sido honrados com pouco na terra, eles receberão do Supremo Pastor, quando ele retornar, “a imarcescível coroa de glória”.⁹²

O ideal de pastor exemplificado em Jesus, o Bom Pastor, o qual ele deseja que os líderes imitem, precisa ser complementado por dois outros modelos que ele lhes advertiu que evitassem.

Primeiro, Jesus disse que existem os governantes seculares que “têm-nos sob seu domínio” e “exercem autoridade” sobre o povo. “Não será assim entre vocês”, acrescentou ele enfaticamente. A liderança em sua nova comunidade deve ser inteiramente diferente da liderança no mundo. “Quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo.”⁹³ Como disse T. W. Manson , “no reino de Deus, o serviço não é uma subida de degraus rumo à nobreza; ele é a nobreza, o único tipo de nobreza que é reconhecido”.⁹⁴

Segundo, Jesus exortou seus discípulos a não imitarem os fariseus. Estes amavam lugares e títulos de honra, pois eram sinais do respeito servil do povo. “Não façam o que eles fazem”, disse Jesus. Os líderes cristãos não devem ser chamados de “Pai”, “Mestre” ou “Rabino” (professor). Isto é, não devemos adotar em relação a qualquer ser humano na igreja nem permitir que outros adotem em relação a nós:

- Uma atitude de dependência e desamparo, como a de uma criança para com seu pai;

- Uma atitude de obediência servil, como a de um escravo para com seu senhor;
- Uma atitude de aquiescência acrítica, como a de um aluno para com seu professor.

Fazer isso, sugeriu Jesus, seria usurpar as prerrogativas da Santa Trindade (Deus, nosso Pai, Jesus, nosso mestre, e o Espírito Santo, nosso professor), bem como romper os relacionamentos entre irmãos e irmãs da família cristã.⁹⁵

Aqui temos dois diferentes modelos contemporâneos de liderança, um secular (os governantes) e o outro religioso (os fariseus), que, não obstante, compartilhavam a mesma característica básica: uma sede de poder e prestígio. Hoje o modelo que provavelmente imitaríamos é o da gestão de negócios. Este também, apesar de alguns paralelos aceitáveis, geralmente é mais mundano do que cristão. Com o declínio do status dos pastores na sociedade, nós precisamos cuidar para que não procuremos compensar isso exigindo maior poder e honra na igreja. A marca essencial da liderança cristã é a humildade, não a autoridade; o serviço, não o senhorio; e “a mansidão e benignidade de Cristo”.⁹⁶

Chuck Colson, conhecedor do poder político antes de sua conversão, diz: “A sedução do poder pode separar o mais decidido dos cristãos da verdadeira natureza da liderança cristã, que é servir aos outros. É difícil colocar-se num pedestal e lavar os pés de quem está embaixo”.⁹⁷ E acrescenta: “Nada distingue mais os reinos do homem do reino de Deus do que seus pontos de vista diametralmente opostos sobre o exercício do poder. Um procura controlar as pessoas, o outro busca servir às pessoas; um promove o ego, o outro subjuga o ego; um procura prestígio e posição, o outro eleva o humilde e desprezado”.⁹⁸



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Como os líderes da igreja são representados na cultura popular? Quais são os aspectos positivos e negativos dessa representação?
2. Quão bem você conhece os outros membros da sua igreja? O que você poderia fazer para conhecer mais pessoas ou para conhecer melhor as pessoas?
3. De que maneiras você está servindo à sua igreja local? De que maneiras você é tentado a evitar o custo de servir aos outros?
4. Hebreus 13.17 nos diz para nos submetemos aos nossos líderes, “para que o trabalho deles seja uma alegria”. Como você assegura que o trabalho dos líderes seja uma alegria?
5. Quando você viu exemplos de pastores guardando seus rebanhos de lobos?
6. O que podemos aprender com as abordagens seculares de liderança? Quando você viu modelos mundanos de liderança sendo aplicados na igreja de maneira prejudicial?

CONCLUSÃO

O AGORA E O AINDA NÃO

EU COMECEI na introdução com a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente). E termino com outra tensão, entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro). Estas duas tensões estão juntas. Pois é em e por meio de Jesus Cristo que o passado, o presente e o futuro são trazidos para um relacionamento criativo. Os cristãos vivem no presente, mas o fazem em gratidão pelo passado e em antecipação ao futuro.

Ao concluir este livro, quero me focar no cristianismo bíblico equilibrado. O equilíbrio é um bem raro hoje em dia em quase todas as esferas, e não é diferente entre nós que buscamos seguir a Cristo.

Uma das características do diabo é que ele é um fanático e inimigo de todo senso comum, moderação e equilíbrio. Um de seus passatempos favoritos é desviar o equilíbrio dos cristãos. Se ele não pode nos levar a negar Cristo, ele nos fará distorcer Cristo. Como resultado, o cristianismo desequilibrado é generalizado, no qual enfatizamos demais um aspecto de uma verdade, ao mesmo tempo em que enfatizamos pouco outro aspecto.

Uma compreensão equilibrada da tensão entre o agora e ainda não seria muito benéfica para a unidade dos cristãos e especialmente para uma maior harmonia entre os cristãos evangélicos. Podemos concordar com os fundamentos doutrinários e éticos da fé. No entanto, parecemos constitucionalmente propensos a brigas e divisões, ou simplesmente a seguir nosso próprio caminho e construir nossos próprios impérios.

REINO VINDO E VINDOURO

É fundamental para o cristianismo do Novo Testamento a perspectiva de que estamos vivendo entre os tempos – entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, entre o reino que veio e o reino que virá.

A base teológica para essa tensão pode ser encontrada no próprio ensinamento de Jesus sobre o reino de Deus. Todo mundo aceita que o reino teve grande destaque no ensino de Jesus e também que ele anunciou a vinda desse reino. No entanto, os estudiosos têm discordado sobre o tempo de sua chegada. Será que o reino já veio, pois Jesus o trouxe com ele? Ou o reino ainda virá no futuro, e temos de esperá-lo com expectativa? Ou será que a verdade está entre essas posições?

Albert Schweitzer é um exemplo de um estudioso que pensou que, de acordo com Jesus, o reino estava inteiramente no futuro. Como um profeta apocalíptico, Jesus ensinou (equivocadamente) que Deus estava prestes a intervir sobrenaturalmente e estabelecer o seu reino. As exigências radicais que ele fez aos seus discípulos foram uma “ética interina” à luz da chegada iminente do reino. A posição de Schweitzer é conhecida como escatologia “completa” ou “consistente”.

No extremo oposto estava C. H. Dodd, com sua crença de que a vinda do reino estava totalmente no passado (posição conhecida como escatologia “realizada”). Ele colocou uma forte ênfase em dois versículos cujos verbos no grego estão no tempo perfeito, ou seja, “O reino de Deus está próximo”¹ e “chegou a vocês o reino de Deus”.² Dodd concluiu que não há uma vinda futura do reino e que as passagens que falam disso não faziam parte do próprio ensinamento de Jesus.

No lugar dessas polaridades extremas, a maioria dos estudiosos tomou uma posição intermediária – que Jesus falou do reino como uma realidade

presente e uma expectativa futura.

Jesus ensinou claramente que o tempo do cumprimento havia chegado;³ que o “homem forte” estava agora amarrado e desarmado, permitindo a pilhagem de seus bens, como ficou evidente em seus exorcismos;⁴ que o reino já estava “dentro de” ou “entre” as pessoas;⁵ e que agora era possível “receber” ou “entrar” nele.⁶

No entanto, o reino também era uma expectativa futura. Não seria aperfeiçoado até o último dia. Então ele olhou para a frente até o fim e ensinou seus discípulos a fazê-lo também. Eles oravam: “Venha o teu reino”⁷ e “busquem em primeiro lugar”,⁸ dando prioridade à sua expansão. Às vezes, ele se referia também ao estado final de seus seguidores em termos de “entrar” no reino⁹ ou “receber” o reino.¹⁰

Uma maneira pela qual a Bíblia expressa a tensão entre o “agora” e o “ainda não” está na terminologia das duas “eras”. Do ponto de vista do Antigo Testamento, a história é dividida entre “esta presente era” e “os últimos dias”, ou seja, o reino da justiça a ser introduzido pelo Messias.¹¹ Essa estrutura simples de duas eras consecutivas, no entanto, foi decisivamente alterada pela vinda de Jesus. Pois ele trouxe a nova era e morreu por nós, a fim de nos livrar “desta presente era perversa”.¹² Como resultado, o Pai já “nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado”.¹³ Até fomos ressuscitados da morte e assentados com Cristo no reino celestial.¹⁴

Ao mesmo tempo, a velha era persiste. Logo, as duas eras se sobrepõem. “As trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz.” Um dia a velha era será terminada (o que será “o fim desta era”),¹⁵ e a nova era, que foi introduzida com a primeira vinda de Cristo, será realizada na segunda. Enquanto isso, as duas eras continuam, e estamos presos nessa tensão entre elas. Somos convocados a “não nos amoldar ao padrão deste mundo”, mas

sim a nos transformar de acordo com a vontade de Deus e a viver coerentemente como filhos da luz.¹⁶

No entanto, a tensão permanece: já *fomos* salvos, mas um dia também *seremos* salvos.¹⁷ E já somos filhos adotivos de Deus, mas também estamos esperando nossa adoção.¹⁸ O cristão “já passou da morte para a vida”, mas a vida eterna ainda será recebida no futuro.¹⁹ Cristo já está reinando, embora seus inimigos ainda não se tenham tornado o estrado de seus pés.²⁰

Vivendo entre o presente e o futuro, a postura característica dos cristãos é descrita de formas variadas como ter esperança,²¹ esperar,²² aguardar com expectativa²³ e gemer,²⁴ enquanto esperamos tanto “ansiosamente”²⁵ como “pacientemente”.²⁶

A essência do período interino entre o “agora” e o “ainda não” é a presença do Espírito Santo no povo de Deus. Por um lado, o dom do Espírito é a bênção distintiva do reino de Deus e o principal sinal de que a nova era começou.²⁷ Por outro, porque a habitação do Espírito é apenas o início da herança do nosso reino, é também a garantia de que o resto um dia será nosso. O Novo Testamento usa três metáforas para ilustrar isso. O Espírito Santo é visto como “os primeiros frutos”, garantindo que virá a colheita completa,²⁸ a “garantia” ou a primeira parcela, sinalizando que o pagamento integral será feito,²⁹ e a degustação, prometendo que a festa completa um dia será desfrutada.³⁰

Aqui estão alguns exemplos da tensão entre o “agora” e o “ainda não”.

REVELAÇÃO, SANTIDADE E CURA

O primeiro exemplo está na *esfera intelectual*, ou na questão da *revelação*.

Afirmamos com alegre confiança que Deus se revelou aos homens, não só no universo criado, na nossa razão e na nossa consciência, mas também supremamente no seu Filho Jesus Cristo e no testemunho da Bíblia a respeito dele. Ousamos dizer que conhecemos a Deus, porque ele mesmo tomou a iniciativa de remover o véu, que de outra forma o esconderia de nós. Alegramo-nos muito porque a sua Palavra lança luz sobre o nosso caminho.³¹

Mas ainda não conhecemos a Deus como ele nos conhece. Nosso conhecimento é parcial porque sua revelação foi parcial. Ele revelou tudo o que pretende revelar e que considera ser para o nosso bem, mas não tudo o que há para revelar. Ainda restam muitos mistérios e, por isso, vivemos pela fé, não pela vista.³²

Devemos tomar a nossa posição ao lado daqueles autores bíblicos que, embora soubessem ser agentes da revelação divina, confessaram humildemente que o seu conhecimento permaneceu limitado. Mesmo Moisés, “a quem o Senhor conheceu face a face”, reconheceu: “Ó Soberano Senhor, tu começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua mão poderosa!”.³³ Então pense no apóstolo Paulo, que comparou seu conhecimento tanto aos pensamentos imaturos de uma criança quanto aos reflexos distorcidos de um espelho.³⁴

Assim, então, embora seja certo gloriar-se na doação e na finalidade da revelação de Deus, também é certo confessar a nossa ignorância a respeito de muitas coisas. Nós sabemos e não sabemos. “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei.”³⁵ É muito importante manter esta distinção. Falando de modo pessoal, gostaria de ver mais ousadia na nossa proclamação daquilo que foi revelado e mais reserva sobre o que foi mantido em segredo. A concordância na verdade

claramente revelada é necessária para a unidade, mesmo quando damos liberdade uns aos outros em assuntos secundários. E a maneira de reconhecê-los é quando os cristãos que estão igualmente ansiosos para ser submissos às Escrituras, no entanto, chegam a conclusões diferentes sobre eles. Estou pensando, por exemplo, nas controvérsias sobre o batismo, governo da igreja, liturgia e cerimônias, dons espirituais e cumprimento das profecias.

A segunda tensão está na *esfera moral*, ou na questão da *santidade*.

Deus já colocou o seu Espírito Santo dentro de nós, a fim de nos tornar santos.³⁶ O Espírito Santo está ativamente trabalhando dentro de nós, subjugando nossa natureza humana caída e egoísta e fazendo com que seu fruto amadureça em nosso caráter.³⁷ Já, podemos afirmar que ele está nos transformando à imagem de Cristo.³⁸

Mas nossa natureza caída não foi erradicada, pois “a carne deseja o que é contrário ao Espírito”,³⁹ de modo que, “se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos”.⁴⁰ Ainda não vivemos completamente de acordo com a perfeita vontade de Deus, porque ainda não amamos a Deus com todo o nosso ser, nem ao nosso próximo como a nós mesmos. Como Paulo colocou, ainda não somos perfeitos, mas continuamos em direção a esse objetivo, confiantes de que “aquele que começou boa obra em [nós], vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”.⁴¹

Sendo assim, estamos presos em uma tensão dolorosa entre o “agora” e o “ainda não”, entre o desânimo por causa das nossas falhas contínuas e a promessa de liberdade final. Por um lado, devemos seguir com a maior seriedade a ordem de Deus: “Sejam santos porque eu [...] sou santo”;⁴² e também a instrução de Jesus: “Vá e não peque mais”.⁴³ Por outro lado, temos de reconhecer a realidade do pecado em nós convivendo com a realidade do

Espírito em nós.⁴⁴ A perfeição sem pecado pela qual ansiamos continua nos iludindo.

A terceira tensão entre o “já” e o “ainda não” está na *esfera física*, ou na questão da *cura*.

Afirmamos que o reino de Deus, há muito prometido, entrou na história com Jesus Cristo, que não se contentou apenas em proclamar o reino, mas continuou a demonstrar a sua chegada pelas coisas extraordinárias que fez. Seu poder era especialmente evidente no corpo humano: ele curou os doentes, expulsou os demônios e ressuscitou os mortos.

Ele também deu autoridade aos Doze e aos Setenta para ampliar sua missão em Israel e para realizar milagres. Quanto mais ele pretendia ampliar sua autoridade é um assunto em discussão. De um modo geral, os milagres e os sinais eram “as marcas de um apóstolo” verdadeiro.⁴⁵ No entanto, seria insensato tentar limitar ou domesticar Deus. Devemos permitir que ele use sua liberdade e sua soberania, estando inteiramente abertos à possibilidade de milagres físicos hoje.

Mas o reino de Deus ainda não chegou em toda a sua plenitude. Pois “o reino do mundo” ainda não “se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo”, quando “ele reinará para todo o sempre”.⁴⁶ Em particular, nosso corpo ainda não foi redimido, e a natureza ainda não foi inteiramente submetida ao governo de Cristo.

Então nós temos de reconhecer a tensão entre o “já” e o “ainda não” também nessa esfera. Para ter certeza, nós experimentamos “os poderes da era que há de vir”,⁴⁷ mas até agora isso continua sendo apenas um gostinho. Parte da nossa experiência cristã é que a vida de ressurreição de Jesus é “revelada em nosso corpo”.⁴⁸ Ao mesmo tempo, nosso corpo permanece frágil e mortal. Reivindicar uma saúde perfeita agora seria antecipar nossa ressurreição. A ressurreição corporal de Jesus foi o penhor, e de fato o

começo, da nova criação de Deus. Mas Deus ainda não pronunciou a palavra decisiva: “Estou fazendo novas todas as coisas”.⁴⁹ Aqueles que descartam a própria possibilidade de milagres hoje se esquecem do “já” do reino, enquanto aqueles que os esperam como o que tem sido chamado de “vida cristã normal” esquecem que o reino “ainda não” é.

IGREJA E SOCIEDADE

Em quarto lugar, a mesma tensão é experimentada na *esfera eclesial*, ou a questão da *disciplina da igreja*.

Jesus, o Messias, reúne à sua volta um povo que lhe pertence, uma comunidade caracterizada pela verdade, pelo amor e pela santidade para a qual foi chamada. Mas Cristo ainda não apresentou sua noiva a si mesmo “como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável”.⁵⁰ Pelo contrário, a vida e o testemunho atuais da Igreja são marcados pelo erro, pela discórdia e pelo pecado.

Então, sempre que pensamos na Igreja, precisamos manter juntos o ideal e a realidade. A Igreja está comprometida com a verdade e propensa ao erro, unida e dividida, pura e impura. Não significa que temos de aceitar suas falhas. Devemos acalantar a visão tanto da pureza doutrinária e ética quanto da unidade visível da Igreja. Somos chamados a combater “o bom combate da fé”,⁵¹ e a fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”.⁵² E, na busca destas coisas, há lugar para disciplina em casos de heresia ou pecado grave.

Mesmo assim, o erro e o mal não vão ser erradicados completamente da Igreja neste mundo. Eles continuarão a coexistir com a verdade e a bondade. “Deixem que cresçam juntos até a colheita”, disse Jesus na parábola do trigo

e do joio.⁵³ Nem a Bíblia nem a história da Igreja justificam o uso de severas medidas disciplinares na tentativa de garantir uma Igreja perfeitamente pura neste mundo.

A quinta área de tensão entre o “agora” e o “antes”, o “já” e o “ainda não”, é a *esfera social*, ou a questão do *progresso*.

Afirmamos que Deus está trabalhando na sociedade humana. Isto, em parte, se deve à sua “graça comum”, ao dar ao mundo as bênçãos da família e do governo, pelos quais o mal é contido e os relacionamentos são ordenados. E é também por meio dos membros da sua comunidade redimida, que penetram na sociedade como sal e luz, fazendo a diferença ao impedir a decadência e dissipar as trevas.

Mas Deus ainda não criou os prometidos “novos céus e nova terra, onde habita a justiça”.⁵⁴ Ainda existem “guerras e rumores de guerras”.⁵⁵ As espadas ainda não foram forjadas em arados, nem as lanças em foices.⁵⁶ As nações ainda não renunciaram à guerra como um método para resolver suas disputas. O egoísmo, a crueldade e o medo continuam.

Portanto, embora seja correto fazer campanha pela justiça social e ter expectativas de que a sociedade melhore, sabemos que nunca poderemos torná-la perfeita. Embora conheçamos o poder transformador do evangelho e os efeitos benéficos do sal e da luz dos cristãos, também sabemos que o mal está enraizado na natureza humana e na sociedade humana. Somente Cristo em sua segunda vinda erradicará o mal e entronizará a justiça para sempre.

Aqui, então, estão cinco áreas (intelectual, moral, física, eclesiástica e social) nas quais é vital preservar a tensão entre o “já” e o “ainda não”.

TRÊS TIPOS DE CRISTÃO

Existem três tipos distintos de cristãos, de acordo com a extensão em que eles conseguem manter este equilíbrio bíblico.

Em primeiro lugar, há os “*cristãos já*”, que enfatizam o que Deus já nos deu em Cristo. Mas eles dão a impressão de que, em consequência, não há mais mistérios, não há pecados que não possam ser vencidos, não há doenças que não possam ser curadas nem males que não possam ser erradicados.

Em suma, eles parecem acreditar que a perfeição pode ser alcançada agora.

Seus motivos são irrepreensíveis. Eles querem glorificar a Cristo – então eles se recusam a estabelecer limites para o que ele é capaz de fazer. Mas seu otimismo pode facilmente degenerar em presunção e acabar em desilusão. Eles se esquecem do “ainda não” do Novo Testamento e de que a perfeição aguarda a segunda vinda de Cristo.

Em segundo lugar, há os *cristãos “ainda* não”, que enfatizam a incompletude da obra de Cristo para o momento e aguardam ansiosamente o momento em que ele vai completar o que começou. Mas eles parecem estar preocupados com a nossa ignorância e fracasso humanos, o reinado penetrante de doença e da morte e a impossibilidade de garantir uma igreja pura ou uma sociedade perfeita.

Seu motivo também é excelente. Se os “cristãos já” querem glorificar a Cristo, os “cristãos ainda não” querem humilhar os pecadores. Eles estão determinados a ser fiéis à Bíblia para enfatizar nossa depravação humana. Mas seu pessimismo pode facilmente degenerar em complacência; ele também pode levar à aceitação do *status quo* e à apatia diante do mal. Eles se esquecem do que Cristo “já” fez por sua morte, ressurreição e envio do Espírito – e do que ele pode fazer em nossa vida e, como resultado, na Igreja e na sociedade.

Em terceiro lugar, existem os “*cristãos já/ainda não*”. Eles querem dar igual peso às duas vindas de Jesus. Por um lado, eles têm muita confiança no “já”, no que Deus disse e fez por meio de Cristo. Por outro lado, eles exibem uma humildade genuína diante do “ainda não”, humildade para confessar que o mundo vai permanecer caído e meio salvo até que Cristo aperfeiçoe em sua segunda vinda aquilo que ele começou na primeira vinda.

É essa combinação do “já” e do “ainda não” que caracteriza o evangelicalismo bíblico autêntico e que exemplifica o equilíbrio que é tão urgentemente necessário hoje.

Nossa posição como “cristãos contemporâneos” repousa com segurança sobre a pessoa de Jesus, cuja morte e ressurreição pertencem ao “já” do passado, e cuja gloriosa segunda vinda pertence ao “ainda não” do futuro. Como aclamamos em fé e triunfo:

Cristo morreu!

Cristo ressuscitou!

Cristo virá novamente!

NOTAS

PREFÁCIO

1. Apocalipse 1.8.↵
2. Hebreus 13.8.↵

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

1. Salmos 119.105; cf. 2 Pedro 1.19.↵
2. Bonhoeffer, Dietrich. Letters and Papers from Prison [Cartas e papéis da prisão]. SCM Press, 1971. p. 279.↵
3. Mateus 11.19.↵
4. Veja Pelikan, Jaroslav. Jesus Through the Centuries [Jesus através dos séculos]. Yale University Press, 1985. p. 182-193.↵
5. 2 Coríntios 11.4.↵
6. 2 Timóteo 1.15; cf. 4.11, 16.↵
7. Atos 26.25.↵
8. Ezequiel 2.6-7.↵

INTRODUÇÃO

1. Tito 2.14.↵

2. Forsyth, P. T. The Work of Christ [A obra de Cristo]. Hodder & Stoughton, 1910. p. 5.↵
3. Moorman, J. R. H. A History of the Church of England [Uma história da Igreja da Inglaterra]. A. & C. Black, 1953. p. 329, 331.↵

CAPÍTULO 1

1. Beeson, Trevor. Discretion and Valour [Discrição e valor]. Collins, 1974. p. 24.↵
2. Extraído de um discurso de Solzhenitsyn ao receber o Prêmio Templeton em Londres, em maio de 1983.↵
3. Roszak, Theodore. Where the Wasteland Ends [Onde acaba a terra devastada].↵
4. Ibid., p. 22.↵
5. Ibid., p. 66.↵
6. Ibid., p. 227-228.↵
7. Ibid., p. 67.↵
8. Ibid., p. 70.↵
9. Ibid., p. xxi.↵
10. Roszak, Theodore. The Making of a Counter Culture[A construção de uma contracultura]. Anchor, 1969. p. 235.↵
11. Castaneda, Carlos. The Teachings of Don Juan [Os ensinamentos de Don Juan].↵
12. Singer, Margaret. Cults in Our Midst: The Continuing Fight Against Their Hidden Menace [Cultos em nosso meio: a luta contínua contra suas ameaças ocultas]. Jossey-Bass, ed. rev. 2003. p. xvii.↵

13. The Economist, 25 nov. 1978.↵
14. Berger, Peter L. Facing Up to Modernity. 1977; Penguin, 1979 p. 255.↵
15. Spangler, David. Emergence: The Rebirth of the Sacred [Emergência: o renascimento do sagrado]. Dell Publishing, 1984. p. 12, 41.↵
16. Agostinho. Confessions. Livro 1, cap. 1.↵
17. Isaías 29.13; Marcos 7.6.↵
18. Gênesis 28.16.↵
19. 1 Coríntios 14.24-25.↵
20. Frankl, Viktor E. Man's Search for Meaning, publicado originalmente com o título From Death-Camp to Existentialism. 1959: Washington Square Press, 1963. p. 165. [Em Busca de Sentido. Petrópolis: Vozes]↵
21. Ibid., p. 154.↵
22. Ibid., p. 167, 204.↵
23. Extraído do capítulo "Rebellion in a Vacuum", contribuição de Arthur Koestler ao simpósio Protest and Discontent, ed. Bernard Crick e William Robson. Penguin, 1970. p. 22.↵
24. Durkheim, Émile. Suicide: A Study in Sociology [Suicídio: um estudo em sociologia]. 1897; ET, 1952; Routledge & Kegan Paul, 1975. p. 246.↵
25. Doig, Desmond. Mother Teresa: Her People and Her Work [Madre Teresa: seu povo e sua obra]. Collins, 1976. p. 159.↵
26. The Autobiography of Bertrand Russell [A autobiografia de Bertrand Russell]. Allen & Unwin, 1967. p. 13.↵
27. Kroll, Jack, em Newsweek, 24 abr. 1978.↵
28. McCann, Graham. Woody Allen: New Yorker. Polity Press, 1990. p. 222.↵
29. Ibid., p. 248.↵

30. Neill, Stephen C. Christian Faith Today [Fé crista hoje]. Pelican, 1955.
p. 174.↵

CAPÍTULO 2

1. Este capítulo foi escrito antes de o grande livro de Michael Green *Evangelism Through the Local Church* [Evangelismo por meio da igreja local] (Hodder & Stoughton, 1990) ser publicado e chegar às minhas mãos. Michael Green é uma rara mistura de teólogo e evangelista, e tem tido uma experiência singularmente vasta e variada de evangelismo. Com o entusiasmo alegre e contagiante com o qual escreve, ele divide seu tema em quatro partes: (1) “Questões para a Igreja” (a natureza, a necessidade, a base e a esfera do evangelismo em uma sociedade com pluralidade de fé), (2) “O Desafio Secular” (quatro capítulos valiosos sobre apologética), (3) “Evangelismo Centralizado na Igreja” (pregação evangelística, evangelismo pessoal, missões e outros métodos) e (4) “Apêndices Práticos” (cursos para pesquisadores, grupos de descobertas para novos cristãos, treinamento de equipes, uso de dramatizações, direção dos cultos etc.). São aproximadamente 600 páginas de orientação – teológica, pessoal e prática – de alguém cuja mente, coração e mãos estão juntos comprometidos com a divulgação evangelística da igreja local.↵

2. João 4.4-15.↵

3. Atos 8.26-35.↵

4. Atos 14.14-18.↵

5. Atos 17.22-23.↵

6. 1 Pedro 2.5, 9.↵

7. 1 Tessalonicenses 1.5-6, 8.↵
8. Vidler, Alec. Essays in Liberality [Ensaio de liberalidade]. SCM Press, 1957. cap. 5.↵
9. João 17.18; 20.21.↵
10. Ramsey, Michael. Images Old and New [Imagens antigas e novas]. SPCK, 1963. p. 14.↵
11. The Church for Others [A igreja para os outros]. WCC, Geneva, 1967. p. 7, 18-19.↵
12. Wilke, Richard. And Are We Yet Alive? [E ainda estamos vivos?] Abingdon, 1986.↵
13. Faith in the City [Fé na cidade]. Church House, 1985.↵
14. Atos 8.35.↵
15. Romanos 1.1, 3.↵
16. 1 Coríntios 15.3-5.↵
17. Hunter, A. M. The Unity of the New Testament [A unidade do Novo Testamento]. SCM Press, 1943.↵
18. Poulton, John. A Today Sort of Evangelism [Um tipo de evangelismo atual]. Lutterworth, 1972. p. 60-61, 79.↵
19. Por exemplo, Salmos 115.2.↵
20. Por exemplo, Salmos 115.4-7.↵
21. João 1.18.↵
22. João 14.9.↵
23. Colossenses 1.15.↵
24. 1 João 4.12.↵
25. João 13.35; 17.21.↵

CAPÍTULO 3

1. Ross, Charles. The Inner Sanctuary: An Exposition of John Chapters 13–17 [O santuário interior: uma exposição de João 13–17]. 1888; Banner of Truth, 1967. p. 216.↵
2. 1 Timóteo 3.15.↵
3. Efésios 5.27.↵
4. Mateus 11.19 = Lucas 7.34.↵
5. Hebreus 7.26.↵
6. Morris, Leon. The Gospel According to John [O evangelho segundo João], em New International Commentary on the New Testament. Marshall, Morgan & Scott, 1971. p. 730.↵
7. Filipenses 2.7-8.4↵
8. Temple, William. Readings in St John's Gospel [Leituras no Evangelho de João]. Publicado primeiramente em dois volumes, 1939 e 1940; Macmillan, 1947. p. 327.↵

CAPÍTULO 4

1. Baxter, Richard. The Reformed Pastor [O pastor reformado]. 1656; Epworth, 2a ed., 1950. p. 24.↵
2. Hare, David. Racing Demon [Demônio de corrida]. Faber & Faber, 1990. p. 3.↵
3. Ibid., p. 34-35.↵
4. Ibid., p. 75, 97.↵
5. Ibid., p. 3-4.↵

6. Ibid., p. 43.↵
7. Ibid., p. 63.↵
8. Ibid., p. 71.↵
9. Ibid., p. 66, 69.↵
10. 1 Coríntios 3.5, parafraseado e expandido. Paulo usou, intencionalmente, o “que” neutro em vez do “quem” pessoal.↵
11. 1 Tessalonicenses 5.12-13.↵
12. 1 Timóteo 3.1.↵
13. Sessão 22, 1562.↵
14. Decree on the Priestly Ministry and Life [Decreto sobre o ministério sacerdotal e a vida], 1965, I.2.↵
15. Ibid., p. I.5.↵
16. Atos 14.13.↵
17. Por exemplo, Hebreus 10.12.↵
18. Apocalipse 1.6; 5.10; 20.6.↵
19. 1 Pedro 2.5, 9.↵
20. Romanos 12.1.↵
21. Apocalipse 5.8; Hebreus 13.15; Salmos 51.17.↵
22. Filipenses 4.18; Hebreus 13.16.↵
23. Filipenses 2.17; 2 Timóteo 4.6.↵
24. Romanos 15.16.↵
25. Hodge, C. H. Systematic Theology. Thomas Nelson and Sons/Charles Scribner and Co., 1875. vol. II. p. 467. [Teologia Sistemática. São Paulo: Hagnos]↵
26. Sykes, Norman. Old Priest, New Presbyter [Velho sacerdote, novo presbítero]. CUP, 1956. p. 43.↵

27. Calvino, João. Institutes. IV.v. 4. [Institutas da Religião Cristã. São José dos Campos: Fiel]↵
28. Hooker, Richard. Laws of Ecclesiastical Polity [Leis da política eclesiástica] (1593-1597). Livro V.lxxviii.3.↵
29. Hebreus 5.1.↵
30. Por exemplo, Êxodo 19.22; Levítico 10.3; 16.2.↵
31. Por exemplo, Êxodo 30.20; Hebreus 8.3-6.↵
32. Por exemplo, Êxodo 28.9-14, 29-30; Joel 2.17.↵
33. Por exemplo, Levítico 10.11; Deuteronômio 17.11; 2 Crônicas 15.3; 17.8-9; 35.3; Jeremias 2.8; Malaquias 2.1, 4-9.↵
34. Por exemplo, Levítico 9.22-23; Números 6.22-27; Deuteronômio 21.5.↵
35. Por exemplo, Êxodo 28.30; Deuteronômio 21.5.↵
36. Efésios 2.18; Tiago 4.8.↵
37. Hebreus 10.19.↵
38. Por exemplo, 1 Pedro 2.5; Romanos 12.1.↵
39. Atos 6.3-4.↵
40. Por exemplo, Colossenses 3.16; Gálatas 6.2.↵
41. Por exemplo, Atos 14.23; 20.17, 28; 1 Timóteo 3.1-2; Tito 1.5-9.↵
42. Mateus 9.36.↵
43. Atos 20.28.↵
44. Efésios 4.11.↵
45. Marcos 10.45.↵
46. 2 Coríntios 4.5.↵
47. João 10.11, 14.↵
48. 1 Pedro 5.4; Hebreus 13.20; 1 Pedro 2.25.↵
49. João 10.3, 14-15.↵

50. João 1.47-48.↵
51. Lucas 19.5; Atos 9.4.↵
52. 3 João 15.↵
53. 1 Tessalonicenses 1.2.↵
54. João 10.14.↵
55. João 10.15.↵
56. Por exemplo, João 14.21; 15.15.↵
57. João 10.11.↵
58. Ezequiel 34.2. A passagem equivalente no Novo Testamento é Judas 12, que fala de “pastores que a si mesmos se apascentam”. Isto é, eles usam suas posições para ministrar ao seu próprio ego, e não ao cuidado do povo com o qual estão comprometidos.↵
59. Veja Ezequiel 34.4.↵
60. Atos 20.28.↵
61. Baxter, Richard. The Reformed Pastor [O pastor reformado]. 1656; Epworth, 1939. p. 121-122.↵
62. Hian, Chua Wee. Learning to Lead [Aprendendo a liderar]. IVP, 1987. p. 35.↵
63. Salmos 80.1.↵
64. Salmos 23.1-2.↵
65. João 10.3-4.↵
66. 1 Pedro 5.2-3.↵
67. João 10.9.↵
68. 1 Timóteo 3.2.↵
69. Tito 1.9.↵
70. João 21.17.↵
71. 1 Coríntios 3.2; Hebreus 5.12.↵

72. Colossenses 1.28.↵
73. Efésios 4.12.↵
74. Ezequiel 34.14.↵
75. Newbiggin, Lesslie. The Good Shepherd: Meditations on Christian Ministry in Today's World [O bom pastor: meditações sobre o ministério cristão no mundo de hoje]. Faith Press, 1977. p. 14.↵
76. 2 Samuel 5.2.↵
77. 1 Tessalonicenses 5.12.↵
78. Hebreus 13.17.↵
79. Hebreus 13.7.↵
80. Por exemplo, Mateus 18.15-20; 1 Coríntios 5.4-5, 13.↵
81. João 10.12-13.↵
82. Mateus 7.15; cf. Atos 20.29-30.↵
83. 1 Samuel 17.34-35.↵
84. João 10.13.↵
85. Ezequiel 34.5.↵
86. Tito 1.9.↵
87. João 10.16.↵
88. Lucas 19.10; cf. 15.3-7.↵
89. Ezequiel 34.6.↵
90. Baxter, Richard. The Reformed Pastor [O pastor reformado]. 1656; Epworth, 1939. p. 121-122.↵
91. Lucas 15.7.↵
92. 1 Pedro 5.4.↵
93. Marcos 10.42-45.↵
94. Manson, T. W. The Church's Ministry [O ministério da igreja]. Hodder & Stoughton, 1948. p. 27.↵

95. Mateus 23.1-12.↵
96. 2 Coríntios 10.1; cf. 2 Timóteo 2.24.↵
97. Colson, Charles W. Kingdoms in Conflict: An Insider's Challenging View of Politics, Power, and the Pulpit [Reinos em conflito: uma visão desafiadora de política, poder e o púlpito por uma testemunha]. Morrow-Zondervan, 1987. p. 272.↵
98. Ibid., p. 274.↵

CONCLUSÃO

1. Marcos 1.15, como ele traduz êngiken.↵
2. Mateus 12.28, ephthasen.↵
3. Por exemplo, Marcos 1.14-15; Mateus 13.16-17.↵
4. Mateus 12.28-29; cf. Lucas 10.17-18.↵
5. Lucas 17.20-21.↵
6. Por exemplo, Marcos 10.15.↵
7. Mateus 6.10.↵
8. Mateus 6.33.↵
9. Marcos 9.47; cf. Mateus 8.11.↵
10. Mateus 25.34.↵
11. Por exemplo, Isaías 2.2; Mateus 12.32; Marcos 10.30.↵
12. Gálatas 1.4.↵
13. Colossenses 1.13; cf. Atos 26.18; 1 Pedro 2.9.↵
14. Efésios 2.6; Colossenses 3.1.↵
15. Por exemplo, Mateus 13.39; 28.20.↵
16. Romanos 12.2; 13.11-14; 1 Tessalonicenses 5.4-8.↵

17. Romanos 8.24; 5.9-10; 13.11.↵
18. Romanos 8.15, 23.↵
19. João 5.24; 11.25-26; Romanos 8.10-11.↵
20. Salmos 110.1; Efésios 1.22; Hebreus 2.8.↵
21. Romanos 8.24.↵
22. Filipenses 3.20-21; 1 Tessalonicenses 1.9-10.↵
23. Romanos 8.19.↵
24. Romanos 8.22-23, 26; 2 Coríntios 5.2, 4.↵
25. Romanos 8.23; 1 Coríntios 1.7.↵
26. Romanos 8.25.↵
27. Por exemplo, Isaías 32.15; 44.3; Ezequiel 39.29; Joel 2.28; Marcos 1.8; Hebreus 6.4-5.↵
28. Romanos 8.23.↵
29. 2 Coríntios 5.5; Efésios 1.14.↵
30. Hebreus 6.4-5.↵
31. Salmos 119.105.↵
32. 2 Coríntios 5.7.↵
33. Deuteronômio 34.10; cf. Números 12.8; Deuteronômio 3.24.↵
34. 1 Coríntios 13.9-12.↵
35. Deuteronômio 29.29.↵
36. 1 Tessalonicenses 4.7-8.↵
37. Gálatas 5.16-26.↵
38. 2 Coríntios 3.18.↵
39. Gálatas 5.17.↵
40. 1 João 1.8.↵
41. Filipenses 3.12-14; 1.6.↵
42. Por exemplo, Levítico 19.2.↵

- 43. João 8.11 (NAA).↵
- 44. Por exemplo, Romanos 7.17, 20; 8.9, 11.↵
- 45. 2 Coríntios 12.12.↵
- 46. Apocalipse 11.15.↵
- 47. Hebreus 6.5.↵
- 48. 2 Coríntios 4.10-11.↵
- 49. Apocalipse 21.5.↵
- 50. Efésios 5.27; cf. Apocalipse 21.2.↵
- 51. 1 Timóteo 6.12.↵
- 52. Efésios 4.3.↵
- 53. Mateus 13.30.↵
- 54. 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1.↵
- 55. Marcos 13.7.↵
- 56. Isaías 2.4.↵

A IGREJA

Categoria: bíblico / Igreja / Vida Cristã

Copyright © John Stott com Tim Chester, 2019. Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em 2019, por InterVarsity Press, Londres, Inglaterra.

Título original em inglês: *The Bible*

Publicado como o terceiro volume da série “O Cristão Contemporâneo”. Organizado por Tim Chester a partir do livro *The Contemporary Christian* (1992), de John Stott.

Primeira edição: Julho de 2021

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Meire Portes Santos

Revisão: Natália Superbi

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Rafael Brum

Produção do arquivo ePub: Booknando

A menos que indicado de outra forma, os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S888

Stott, John.

A igreja : uma comunidade singular de pessoas [recurso eletrônico] / John Stott e Tim Chester ; tradução Meire Portes Santos. — Viçosa : Ultimato, 2021.

Dados eletrônicos (e-Pub). — (O Cristão Contemporâneo ; 3) 340 p.

Título original: The church : a unique gathering of people

ISBN 978-65-86173-21-5

1. Igreja. 2. Vida cristã. 3. Igreja - Estudos bíblicos. 4. Unidade cristã. I. Chester, Tim. II. Santos, Meire Portes. III. Título. IV. Série.

CDU 82.1(811.3)

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br



facebook.com/editora.ultimato



twitter.com/ultimato



instagram.com/editoraultimato